



SANGUE MORTÍFERO

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME IX

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto
Sangue Furtivo
Traição de Sangue
Sangue Felino
Laços de Sangue
Sangue Mortífero

Agradecimentos

Muita gente me ajudou ao longo dos anos e essa ajuda fez-me chegar onde cheguei. Quero agradecer apenas a alguns. As moderadoras actuais do meu *site* (Katie Michele, MariCarmen, Victoria e Kerri) tornam a minha vida muito mais fácil. E as moderadoras eméritas (Beverly e Debi) também merecem que lhes tire o chapéu. Os leitores que visitam www.charlaineharris.com para partilhar os seus comentários, teorias e palmadas nas costas também são sempre uma fonte de incentivo.

Com a ajuda de uma equipa de milhares (bom... de quatro), Toni Kelner e Dana Cameron são uma fonte constante de apoio, encorajamento, comiseração e entusiasmo. Não saberia o que fazer sem elas.





1

Os vampiros caucasianos nunca deveriam vestir-se de branco — entoou o apresentador televisivo. — Temos filmado em segredo Devon Dawn, vampira há apenas uma década, vestida para uma noite na cidade. Olhem para aquele conjunto! É completamente errado para ela!

— Que tinha ela na cabeça? — perguntou uma voz feminina ácida. — E ainda se fala de quem fica preso nos anos noventa! Olhem aquela blusa... se lhe pudermos chamar assim. A pele implora-lhe por cores contrastantes e que veste ela? Marfim! Torna a pele tão apelativa como um saco de lixo.

Parei de atar o sapato para ver o que acontecia a seguir enquanto dois vampiros especialistas em moda surpreendiam a vítima insuspeita (perdão... a afortunada vampira), prestes a receber uma mudança de visual indesejada. Teria o prazer adicional de perceber que os seus amigos a tinham denunciado à polícia da moda.

— Não me parece que isto vá acabar bem — disse Octavia Fant. Apesar de Amelia Broadway, a minha companheira de casa, ter forçado a vinda de Octavia como nova moradora (baseando-se num convite informal que fizera num momento de fraqueza), tudo corria bem.

— Devon Dawn, esta é Bev Leveto da *Visual Vampiro* e eu sou Todd Seabrook. A tua amiga Tessa contactou-nos dizendo que preci-

savas de ajuda com o teu visual! Temos-te filmado em segredo durante as últimas duas noites e... AAAARGH! — Uma mão pálida moveu-se para a garganta de Todd, fazendo-a desaparecer, substituída por um enorme buraco avermelhado. A câmara demorou-se nele, fascinada, enquanto Todd caía ao chão, erguendo-se em seguida para acompanhar o combate entre Devon Dawn e Bev.

— Vejam só — disse Amelia. — Parece que a Bev vai ganhar.

— Melhor sentido estratégico — afirmei. — Reparaste que deixou o Todd entrar primeiro?

— Consegui imobilizá-la — anunciou Bev triunfalmente à câmara. — Devon Dawn, enquanto Todd recupera a fala, vamos passar em revista o teu armário. Uma rapariga que pretenda viver até ao fim dos tempos não pode ser pirosa. Os vampiros não podem ficar presos nos seus passados. Temos de ser pioneiros da moda!

Devon Dawn gemeu.

— Mas gosto da minha roupa! Fazem parte de quem sou! E partiste-me o braço.

— Há-de sarar. Ouve, não queres que os outros vampiros se riam de ti, pois não? Não queres ficar com a cabeça presa no passado!

— Bem... suponho que não...

— Ótimo! Vou libertar-te. A julgar pela tosse, parece que Todd se sente melhor.

Desliguei a televisão e atei o outro sapato, abanando a cabeça como comentário ao vício recente da América por *reality-shows* com vampiros. Tirei o casaco vermelho do armário. Vê-lo recordou-me que eu própria tinha problemas muito reais com um vampiro. Nos dois meses e meio desde a anexação do reino vampiro do Louisiana pelos vampiros do Nevada, Eric Northman estivera completamente ocupado com a consolidação da sua posição dentro do novo regime e com a avaliação do que restava do anterior.

Adiáramos durante demasiado tempo a conversa sobre as suas memórias recentemente recuperadas dos dias estranhos e intensos que passáramos juntos, quando um feitiço o deixou amnésico.

— Que farão esta noite enquanto estiver a trabalhar? — perguntei a Amelia e Octavia para evitar nova ronda de diálogos imaginados. Vesti o casaco. O Norte do Louisiana não era afectado pelas temperaturas horríveis do verdadeiro Norte, mas o termómetro marcava quatro graus e estaria ainda mais frio quando saísse do trabalho.

— A minha sobrinha e os filhos vão levar-me a jantar fora — disse Octavia.

Troquei um olhar surpreso com Amelia enquanto a mulher mais velha baixava a cabeça sobre a blusa que cosia. Era a primeira vez que Octavia via a sobrinha desde que se mudara da sua casa para a minha.

— Acho que vou ao bar com o Tray — apressou-se a dizer Amelia para camuflar a pequena pausa.

— Então vemo-nos no *Merlotte's*. — Há anos que lá trabalhava.

Octavia anunciou:

— Bolas. A linha não é da cor certa. — E saiu para o corredor, em direcção ao seu quarto.

— Quer dizer que já não sais com a Pam? — perguntei a Amelia. — Tens visto muito o Tray. — Enfiei melhor a camisola branca dentro das calças pretas. Olhei o velho espelho sobre a lareira. Tinha o cabelo preso no rabo-de-cavalo habitual para o trabalho. Avistei um cabelo longo e louro perdido sobre o vermelho do casaco e retirei-o.

— A Pam foi só uma aventura. De certeza que sentiu o mesmo a meu respeito. Gosto mesmo do Tray — dizia Amelia. — Não me parece que se importe com o dinheiro do meu pai e não o preocupa que seja uma bruxa. Além disso, consegue encher-me as medidas na cama. Estamos a dar-nos muito bem. — Amelia esboçou-me um sorriso de gato guloso com um canário nas garras. Podia parecer uma dona-de-casa bem tonificada, com cabelo curto e brilhante, um sorriso belo e muito branco e olhos claros, mas o sexo interessava-a muito e (pelos meus padrões) os seus gostos eram diversificados nessa área.

— É bom tipo — disse-lhe. — Já o viste transformado em lobo?

— Não. Mas espero ver em breve.

Captei algo na mente transparente de Amelia que me sobressaltou.

— Será em breve? A revelação?

— Importas-te de não fazer isso? — Normalmente, Amelia mostrava-se muito pragmática acerca da minha capacidade para ler as mentes, mas não naquele momento. — Tenho de guardar segredos de terceiros!

— Desculpa — disse-lhe com toda a sinceridade. Mas, ao mesmo tempo, senti-me moderadamente ofendida. Seria de esperar que pudesse desconstrair na minha própria casa e aliviar o controlo apertado que tentava manter em redor do meu talento especial. Afinal, tinha de passar o dia inteiro a bloquear pensamentos alheios no trabalho.

Amelia disse, prontamente:

— Eu é que peço desculpa. Ouve, tenho de me preparar. Vemo-nos mais tarde. — Subiu com ligeireza as escadas para o piso de cima, que quase não fora usado até se mudar de Nova Orleães, alguns meses antes. Escapara ao Katrina, ao contrário da pobre Octavia.

— Adeus, Octavia. Diverte-te! — gritei, saindo pela porta dos fundos em direcção ao carro.

Enquanto descia a longa estrada pela floresta em direcção à Hummingbird Road, pensei nas hipóteses de Amelia e Tray Dawson ficarem juntos. Tray, um lobisomem, trabalhava como mecânico de motas e vendia os seus préstimos como guarda-costas. Amelia era uma bruxa promissora e o seu pai era imensamente rico, mesmo após o Katrina. O furacão poupou a maior parte dos materiais de construção no seu armazém e providenciara-lhe trabalho suficiente para várias décadas.

De acordo com a mente de Amelia, aconteceria naquela noite. Não um pedido de casamento de Tray, mas a revelação da sua condição peculiar. A natureza dupla de Tray era importante para a minha companheira de casa, que se sentia atraída pelo exótico.

Entrei pela porta dos funcionários e fui directa ao gabinete de Sam.

— Olá, chefe — disse, vendo-o atrás da secretária. Sam odiava trabalhar na contabilidade, mas era isso que fazia naquele momento. Talvez lhe proporcionasse uma distração que lhe era necessária. Parecia preocupado. Tinha o cabelo ainda mais emaranhado do que era habitual. As madeixas alouradas formavam-lhe uma auréola em volta da face estreita.

— Prepara-te. Será esta noite — disse.

Senti-me tão orgulhosa por me contar. E conseguira ecoar os meus pensamentos de forma tão próxima que não consegui reprimir um sorriso.

— Estou pronta. Vou estar por perto. — Guardei a bolsa na gaveta de baixo da secretária e fui vestir o avental. Vinha substituir Holly, mas, depois de conversarmos sobre os clientes nas nossas mesas, disse-lhe: — Será melhor ficares mais um pouco.

Olhou-me com severidade. Holly começara recentemente a deixar crescer o cabelo e as pontas negras pareciam ter sido mergulhadas em alcatrão. A cor natural, que se mostrava nas raízes, revelara ser um agradável castanho-claro. Pintara-o durante tanto tempo que me esquecerera.

— Será suficientemente bom para fazer esperar o Hoyt? — perguntou. — Ele e o Cody dão-se muito bem, mas não me devo demorar, mesmo assim. — Hoyt, o melhor amigo do meu irmão Jason tinha sido acolhido por Holly, tornando-se seu seguidor.

— É melhor que fiques um pouco mais. — Ergui as sobrancelhas, esperando que captasse a mensagem.

Perguntou:

— Os lobisomens? — Acenei afirmativamente e vi-lhe a face ser iluminada por um sorriso. — A Arlene vai passar-se da cabeça.

Arlene, nossa colega e antiga amiga, adquirira consciência política alguns meses antes graças ao mais recente de uma longa sucessão de namorados. As suas convicções passaram a situar-se algures à direita das de Átila, o Huno, sobretudo no que dizia respeito a vampiros. Entrara mesmo para as fileiras da Irmandade do Sol, uma igreja a que apenas faltava assumir-se como tal. Erguia-se junto a uma mesa, ocupada numa conversa séria com o seu homem, Whit Spradlin, que ocupava um qualquer cargo directivo na Irmandade e trabalhava durante o dia numa das lojas *Home Depot* de Shreveport. Tinha uma calva considerável e era um pouco barrigudo, mas nenhuma dessas características me incomodava minimamente. O mesmo não poderia dizer-se dos seus ideais políticos. Trazia um amigo, claro. A gente da Irmandade parecia mover-se sempre em bando, tal como outro grupo minoritário que estavam prestes a conhecer.

Jason, o meu irmão, também estava presente, sentado a uma mesa com Mel Hart. Mel trabalhava na *Bon Temps Auto Parts*, e teria aproximadamente a idade de Jason, rondando os trinta e um. Magro e de corpo musculado, Mel tinha cabelo castanho-claro mais longo que curto, bigode, barba e uma face apazível. Passara a vê-los muitas vezes juntos. Jason precisara de preencher o vazio deixado por Hoyt. Não conseguia viver sem um compincha. Naquela noite, os dois homens vinham acompanhados. Mel era divorciado, mas Jason continuava oficialmente casado e, por isso, não devia ser visto em público com outra mulher. Não que alguém o censurasse. Crystal, a sua mulher, fora apanhada em flagrante com um tipo local.

Ouvira dizer que Crystal, que estava grávida, fora viver com parentes na pequena comunidade de Hotshot. (Encontraria parentes em qualquer casa de Hotshot. Era esse tipo de sítio.) Mel Hart também nascera em Hotshot, mas era um dos raros membros da tribo que escolhera viver noutra sítio.

Para minha surpresa, vi Bill, o meu ex-namorado, sentado com outro vampiro, Clancy. Clancy não era o meu tipo preferido e não seria mesmo que estivesse vivo. Ambos tinham garrafas de *TrueBlood* sobre a mesa à sua frente. Não me recordava de alguma vez ter visto Clancy a tomar um copo no *Merlotte's*. E certamente nunca o fizera com Bill.

— Nova rodada, rapazes? — perguntei, esboçando um grande sorriso nervoso. Enervava-me sempre quando estava perto de Bill.

— Sim, por favor, — disse Bill, sempre educado. Clancy empurrou a garrafa vazia para mim.

Fui tirar dois *TrueBloods* ao frigorífico atrás do balcão, abri as garrafas e coloquei-as no microondas. (Quinze segundos era o ideal.) Abanei-as um pouco e coloquei as bebidas quentes sobre o tabuleiro, juntamente com guardanapos limpos. A mão fria de Bill tocou a minha quando pousei a bebida à sua frente.

Disse:

— Se precisares de ajuda em casa, liga-me, por favor.

Soube que a intenção era boa, mas enfatizava o meu estado presente de ausência de homem. A casa de Bill ficava do outro lado do cemitério e, porque vagueava durante a noite, percebi que saberia que não havia ninguém.

— Obrigada, Bill — respondi, forçando-me a sorrir-lhe. Clancy reagiu com um esgar de desprezo.

Tray e Amelia chegaram e, depois de a conduzir a uma mesa, Tray dirigiu-se ao balcão, cumprimentando todos os clientes pelo caminho. Sam saiu do gabinete ao encontro do homem encorpado, que teria pelo menos mais doze centímetros de altura e quase o dobro da largura. Sorriam um para o outro. Bill e Clancy mantinham-se atentos.

As televisões montadas em redor do bar interromperam o evento desportivo que transmitiam. Uma série de indicativos sonoros alertaram os clientes para o que acontecia no ecrã. Gradualmente, o silêncio instalou-se no bar, restando apenas algumas conversas dispersas. As palavras «Informação Especial» surgiram no ecrã sobre um locutor de cabelo bem cortado e moldado com gel e expressão severa. Anunciou em tom solene:

— Boa noite. O meu nome é Matthew Harrow. Interrompemos a emissão para um boletim noticioso especial. Como sucede em redações espalhadas por todo o país, temos um visitante em estúdio.

O plano abriu-se, mostrando uma mulher bonita. A sua cara era-me ligeiramente familiar. Saudou a câmara com uma vénia trei-

nada. Envergava um vestido florido folgado. Era uma escolha estranha para uma aparição televisiva.

— Esta é Patricia Crimmins, que se mudou para Shreveport algumas semanas atrás. Patty... Posso tratá-la por Patty?

— Prefiro Patricia — replicou a morena. Reconheci-a. Integrava a alcateia que fora absorvida pela de Alcide. Era muito bonita e os ombros deixados descobertos pelo vestido pareciam bem exercitados. Sorriu a Matthew Harrow. — Estou aqui esta noite como representante de um povo que viveu entre vós durante muitos anos. Porque os vampiros tiveram tanto sucesso com a revelação da sua existência, decidimos que chegou o momento de fazermos o mesmo. Afinal, os vampiros estão mortos. Nem sequer são humanos. Mas nós somos gente normal, igual a qualquer um de vós, com uma única diferença. — Sam aumentou o volume. Os clientes começaram a girar sobre os bancos para verem o que acontecia.

O sorriso do locutor tornara-se tão rígido quanto um sorriso poderia tornar-se e era visível que estava nervoso.

— É muito interessante o que me diz, Patricia! O que... o que é?

— Obrigada pelo interesse, Matthew! Sou uma lobisomem. — Patricia mantinha as mãos unidas sobre o joelho. As pernas estavam cruzadas. Parecia suficientemente convincente para vender carros usados. Alcide fizera uma boa escolha. Além disso, se alguém a matasse, bom... era uma recém-chegada.

O silêncio caiu sobre o *Merlotte's* enquanto a mensagem alastrava de mesa em mesa. Bill e Clancy ergueram-se, posicionando-se junto ao balcão. Percebi que estavam ali para manter a paz se fosse necessário. Teria sido Sam a pedir-lhes que viessem. Tray começou a desabotoar a camisa. Sam vestia uma camisola de mangas compridas e puxou-a sobre a cabeça.

— Está a dizer-me que se transforma num lobisomem com a lua cheia? — perguntou Matthew Harrow, visivelmente nervoso, tentando manter o sorriso e uma expressão apenas interessada. Não conseguiu.

— E também noutras alturas — explicou Patricia. — Durante a lua cheia, a maioria de nós tem de se transformar, mas, se o nosso sangue for puro, também conseguiremos transformar-nos noutros momentos. Há muitos tipos de pessoas de dupla natureza. Eu transformo-me num lobo. Somos os mais numerosos. Agora, vou mostrar-vos a todos este processo espantoso. Não se assustem. É perfeitamente seguro. — Libertou-se dos sapatos, mas manteve o vestido. Compreendi

subitamente que o escolhera para não ter de se despir diante das câmaras. Ajoelhou-se no chão, sorriu uma última vez à câmara e começou a contorcer-se. O ar em seu redor estremeceu com a magia da transformação e todos no *Merlotte's* se uniram numa exclamação de espanto.

Imediatamente após Patricia ter iniciado a transformação no ecrã, Sam e Tray fizeram o mesmo. Tinham vestido roupa interior que não se importavam de rasgar. Todos no bar se sentiram divididos entre ver a mulher bonita transformar-se numa criatura com longos dentes brancos e o espectáculo dos dois homens que conheciam fazendo o mesmo. Novas exclamações de espanto em redor. Dispersas e a maioria impossível de repetir em ambiente educado. A rapariga que viera com Jason, Michele Schubert, ergueu-se para ver melhor.

Senti-me tão orgulhosa de Sam. Exigia muita coragem, sobretudo por ser proprietário de um negócio que dependia em grande parte da sua capacidade de agradar aos clientes.

No minuto seguinte, tudo terminou. Sam, um dos raros metamorfos puros, transformou-se na sua forma mais familiar: um *collie*. Sentou-se à minha frente e presenteou-me com um latido satisfeito. Curvei-me para lhe acariciar a cabeça. Colocou a língua de fora e mostrou-me os dentes num sorriso canino. A manifestação animal de Tray era muito mais dramática. Lobos enormes não eram vistos com frequência no Norte rural do Louisiana. E será impossível negar que são assustadores. Houve gente a mover-se em desconforto e poderiam mesmo ter-se levantado para fugir se Amelia não se tivesse agachado ao lado de Tray, rodeando-lhe o pescoço com um braço.

— Percebe o que dizem — explicou aos clientes sentados à volta da mesa mais próxima, como encorajamento. Amelia esboçava um sorriso amplo e genuíno. — Tray, leva-lhes esta base de copo. — Passou-lha e Tray Dawson, um guerreiro implacável tanto na forma humana como na forma de lobo, avançou para depositar a base de copo no colo de uma cliente. Esta pestanejou, estremeceu e acabou por se rir.

Sam lambeu-me a mão.

— Jesus seja louvado — exclamou Arlene, elevando a voz. Whit Spradlin e o seu acompanhante puseram-se de pé. Mas, apesar de haver mais alguns clientes parecendo nervosos, nenhum deles reagiu de forma semelhante.

Bill e Clancy olharam-nos com faces inexpressivas. Era óbvio que estavam preparados para lidar com problemas, mas parecia que tudo correria bem na Grande Revelação. A noite em que os vampiros se ti-

nham revelado não fora tão pacata por ser o primeiro de uma série de choques que a sociedade estabelecida sofreria nos anos seguintes. Gradualmente, os vampiros foram reconhecidos como parte da América, apesar de a sua cidadania ter determinadas limitações.

Sam e Tray deambularam entre os clientes habituais, permitindo carícias como se fossem animais comuns. Enquanto o faziam, o locutor televisivo tremia de forma muito visível enquanto olhava a bela loba branca em que Patricia se transformara.

— Olhem para ele! Está tão assustado que até treme! — disse D'Eriq, o ajudante de cozinha. Riu-se alto. Os clientes do *Merlotte's* descontraíram o suficiente para se sentirem superiores. Afinal, tinham reagido com uma contenção notável.

Mel, o novo amigo de Jason, disse:

— Ninguém precisará de ter medo de uma senhora tão bonita mesmo que largue pêlo. — A descontração e o riso alastraram pelo bar. Senti-me aliviada, mesmo pensando que as pessoas poderiam não rir tão prontamente se soubessem que Jason e Mel se transformavam em panteras, ainda que Jason não conseguisse uma transformação completa.

Mas, depois do riso, senti que tudo ficaria bem. Após um olhar cauteloso em redor, Bill e Clancy voltaram para a sua mesa.

Whit e Arlene, rodeados por gente que tinha acabado de aprender uma grande lição, pareciam atordoados. Conseguia ouvir os pensamentos de Arlene, demasiado confusa para reagir. Afinal, Sam fora seu padrão durante muitos anos. A não ser que quisesse perder o emprego, não podia fazer nada. Mas também conseguia captar o medo e a raiva crescente que se seguiam de muito perto. Whit tinha sempre a mesma reacção a tudo o que não conseguisse compreender. Odiava. E o ódio é contagioso. Trocou um olhar sinistro com o sujeito a seu lado.

Os pensamentos rodopiavam no cérebro de Arlene como bolas numeradas numa tómbola. Era difícil prever qual seria o primeiro a emergir.

— Maldito seja! — exclamou ela com a raiva transbordando. A bola do ódio fora a primeira a sair.

Houve quem reagisse, tentando retirar importância à explosão, mas todos a ouviam.

— Isto vai contra Deus e tudo o que é natural — disse com voz sonora e irada. A sua veemência fazia estremecer o cabelo ruivo tingido. — Querem os vossos filhos perto deste tipo de coisa?

— Os nossos filhos sempre estiveram perto deste tipo de coisa — disse Holly, elevando igualmente a voz. — Apenas não sabíamos. E não lhes aconteceu mal nenhum. — Também se pôs de pé.

— Deus há-de castigar-nos se não limparmos o mundo destas aberrações — disse Arlene, apontando dramaticamente Tray. A sua face estava quase tão vermelha como o cabelo. Whit olhava-a com aprovação. — Não percebem! Vamos todos para o Inferno se não voltarmos a conquistar o mundo que já foi nosso! Vejam quem aqui está para manter os humanos na linha! — O indicador voltou-se para Bill e Clancy. Mas, porque tinham voltado a ocupar os seus lugares à mesa, a sua argumentação perdeu força.

Pousei o tabuleiro no balcão e avancei um passo com as mãos formando punhos.

— Todos nos damos bem aqui em Bon Temps — disse, mantendo a voz calma. — Parece-me que és a única incomodada, Arlene.

Olhou em redor, tentando captar a atenção de vários clientes. Conhecia-os a todos. Sentia-se genuinamente chocada por perceber que não havia mais gente a partilhar a sua reacção. Sam veio sentar-se à sua frente. Ergueu a cabeça e fixou nela os belíssimos e ternos olhos de cão.

Dei mais um passo para Whit, apenas por precaução. Whit estava a decidir o que iria fazer, ponderando um ataque a Sam. Mas quem se juntaria a ele no espancamento de um *collie*? Até Whit conseguia perceber o absurdo e isso fê-lo odiar Sam ainda mais.

— Como pudeste? — gritou Arlene a Sam. — Mentiste-me durante estes anos todos! Achei que eras humano e não um maldito sobrenatural!

— É humano — disse-lhe. — Só tem mais do que uma forma. É só isso.

— E tu — disse-me, cuspiendo as palavras. — És a mais esquisita, a menos humana de todos.

— Ei — disse Jason. Ergueu-se e, após um momento de hesitação, Mel acompanhou-o. A rapariga que este trouxera pareceu alarmada, mas a acompanhante de Jason limitou-se a sorrir. — Deixa a minha irmã em paz. Cuidou dos teus filhos, limpou-te a caravana e aturou as tuas merdas durante anos. Que tipo de amiga és tu?

Jason não me olhou. O espanto paralisou-me. Não era um gesto nada habitual nele. Poderia ter crescido um pouco?

— O tipo que quer distância de criaturas sobrenaturais como a tua irmã — disse Arlene. Despiu o avental, olhando o *collie*: — Despe-

ço-me! — E saiu para o gabinete de Sam para ir buscar a bolsa. Talvez um quarto dos clientes do bar parecesse alarmado e preocupado. Metade mostrava-se fascinada pelo drama. Sobrava um quarto de indecisos. Sam ganiu, triste, e pousou o focinho entre as patas. Depois da gargalhada resultante, o desconforto do momento passou. Vi Whit e o seu amigo saírem pela porta da frente e descontraí depois de partirem.

Previendo a possibilidade de Whit ter ido buscar uma espingarda à carrinha, olhei Bill, que saiu pela porta atrás dele. Voltou pouco depois, acenando-me com a cabeça para indicar que os tipos da Irmandade se tinham ido embora.

Ouvi a porta dos fundos fechar-se atrás de Arlene e o resto da noite correu bastante bem. Sam e Tray dirigiram-se ao gabinete para se transformarem e vestirem. Sam voltou a ocupar o seu lugar atrás do balcão logo a seguir, como se nada se tivesse passado, e Tray foi sentar-se à mesa com Amelia, que o recebeu com um beijo. Durante algum tempo, as pessoas evitaram-nos um pouco e houve muitos olhares sub-reptícios. Mas, após uma hora, a atmosfera no *Merlotte's* pareceu regressar à normalidade. Ocupei-me das mesas de Arlene e fiz questão de ser especialmente simpática com as pessoas que se mantinham indecisas acerca dos eventos da noite.

Os clientes beberam abundantemente. Talvez não soubessem o que pensar da faceta alternativa de Sam, mas isso não os impediu de contribuírem para o seu lucro. Bill captou a minha atenção e ergueu a mão para se despedir, saindo com Clancy.

Jason tentou cruzar o seu olhar com o meu uma ou duas vezes e Mel sorria-me muito. Era mais alto e mais magro que o meu irmão, mas ambos tinham aquela expressão animada e ávida de homens que seguem os seus instintos. A seu favor, Mel parecia não concordar com tudo o que Jason dizia. Não como Hoyt sempre fizera, pelo menos. Parecia ser um tipo decente. Pelo menos, avaliando pelo pouco tempo em que o conhecera. O facto de ser uma das poucas panteras a não viver em Hotshot também contava a seu favor e talvez fosse esse o motivo da grande amizade entre ele e Jason. Eram como as outras panteras, mas também havia algo que os distinguia.

Se voltasse a falar com Jason, teria de lhe fazer uma pergunta. Naquela noite importante para todos os lobisomens e metamorfos, porque não tinha aproveitado a oportunidade para saltar para a ribalta? Orgulhava-se muito da sua natureza, mesmo sendo um mordido e não um nascido. Ou seja, contraíra o vírus (ou o que quer que fosse) depois

de ser mordido por um metamorfo em vez de nascer com a capacidade de se transformar, como sucedia com Mel. O estado transformado de Jason mantinha traços humanos, com o corpo coberto de pêlo, focinho de pantera e garras. Contara-me que era realmente medonho. Não era um animal belo e isso desgostava-o. Mel tinha sangue puro e seria magnífico e assustador quando se transformava.

Talvez alguém tivesse pedido às panteras para manterem a descrição por serem demasiado assustadoras. Se algo tão grande e mortífero como uma pantera surgisse no bar, a reacção dos clientes teria certamente sido muito mais histórica. Apesar de os cérebros de metamorfos serem difíceis de ler, conseguia captar a desilusão partilhada pelas duas panteras presentes. Estava certa de que a decisão fora de Calvin Norris, como líder do grupo. «Boa, Calvin», pensei.

Depois de ajudar a fechar o bar, abracei Sam quando fui ao seu gabinete buscar a bolsa. Parecia cansado mas feliz.

— Sentes-te tão bem como pareces? — perguntei.

— Sim. A minha verdadeira natureza deixou de ser um segredo. É libertador. A minha mãe jurou que contaria ao meu padrasto esta noite. Estou à espera de notícias.

No momento certo, o telefone tocou. Sam atendeu, continuando a sorrir.

— Mãe? — disse. A seguir, a expressão alterou-se, como se uma mão tivesse limpado a alegria anterior. — Don? Que fizeste?

Deixei-me cair na cadeira e esperei. Tray viera dar uma palavra a Sam e Amelia acompanhava-o. Mantiveram-se os dois de pé, atravessados na porta, ansiosos por ouvir o que tinha acontecido.

— Ó meu Deus — disse Sam. — Vou para aí logo que possa. Faço-me à estrada ainda esta noite. — Pousou o auscultador com muito cuidado. — O Don deu um tiro na minha mãe — explicou. — Quando ela se transformou, deu-lhe um tiro. — Nunca o vira tão perturbado.

— Está morta? — perguntei, temendo a resposta.

— Não — disse. — Mas está no hospital com uma clavícula partida. A bala atravessou-lhe o ombro esquerdo. Quase a matou. Se não tivesse saltado...

— Lamento muito — disse Amelia.

— Que posso fazer para ajudar? — perguntei.

— Mantém o bar aberto enquanto estiver fora — disse, sacudindo-se para se libertar do choque. — Liga ao Terry. O Terry e o Tray que decidam o horário atrás do balcão. Tray, sabes que te pagarei quando

voltar. Sookie, o horário das empregadas está na parede atrás do balcão. Procura alguém para cobrir os turnos da Arlene, por favor.

— Claro, Sam — respondi. — Precisas de ajuda para fazer as malas? Posso abastecer-te o tanque da carrinha ou alguma coisa parecida?

— Não, obrigado. Tens a chave da minha caravana. Podesregar-me as plantas? Acho que não ficarei fora mais do que uns dias, mas nunca se sabe.

— Claro, Sam. Não te preocupes. Mantém-nos informados.

Sáímos para permitir que Sam se dirigisse à caravana para fazer as malas. Mantinha-a no parque de estacionamento atrás do bar. Pelo menos, não levaria tempo a chegar a casa.

No caminho para casa, tentei imaginar como o padrasto de Sam poderia ter feito tal coisa. Ter-se-ia sentido tão horrorizado com a descoberta da segunda natureza da mulher que perdera o controlo? Ter-se-ia ela transformado longe da sua vista, surpreendendo-o? Não conseguia imaginar que alguém pudesse dar um tiro na pessoa amada, na pessoa com quem se vivia, apenas por ter um segredo. Talvez Don tivesse visto a sua natureza sobrenatural como uma traição. Ou talvez tivesse sido a ocultação. Vendo as coisas por esse lado, quase conseguia compreender a forma como reagira.

Toda a gente tem segredos e eu estou bem posicionada para conhecer a maior parte. Ser telepata não é divertido. Ouvem-se os pormenores mesquinhos, tristes, nojentos, maldosos... as coisas que todos queremos esconder de quem nos rodeia para poderem manter intacta a imagem que têm de nós.

Os segredos que conheço menos bem são os meus.

O que me mantinha ocupada naquela noite era a herança genética invulgar partilhada por mim e pelo meu irmão e herdada por via paterna. O meu pai nunca soubera que Adele, a mãe, tinha um enorme segredo, que me fora revelado apenas no passado mês de Outubro. Os dois filhos da minha avó, o meu pai e a sua irmã Linda, não eram fruto do seu longo casamento com o meu avô.

Ambos tinham sido concebidos numa ligação com um híbrido de fada e humano chamado Fintan. De acordo com o pai de Fintan, Niall, os traços de fada na herança genética do meu pai tinham sido responsáveis pela paixão avassaladora que a minha mãe sentira por ele, uma paixão que não lhe permitia reservar para os filhos mais do que fragmentos de atenção e afecto. Este legado genético pareceu não ter qualquer influência na sua irmã, Linda. Não a ajudara a escapar

ao cancro que lhe pusera fim à vida e não conseguira sequer manter o marido por perto. No entanto, o neto de Linda, Hunter, era um telepata como eu.

Partes da história ainda me provocavam confusão. Acreditava que a história contada por Niall era verdadeira, mas não conseguia compreender que o desejo da minha avó por filhos fosse suficientemente forte para a levar a enganar o meu avô. Não me parecia que batesse certo com o seu carácter e não conseguia perceber porque não lho lera na mente em todos os anos que passámos juntos. Seria inevitável que recordasse ocasionalmente as circunstâncias da concepção dos seus filhos. Não havia forma de ter arquivado permanentemente esses acontecimentos nalgum recanto fechado da sua mente.

Mas a minha avó morrera mais de um ano antes e nunca poderia questioná-la a esse respeito. O marido morrera há anos. Niall contou-me que Fintan, o meu avô biológico, também tinha morrido. Ocorreu-me vasculhar os pertences da minha avó em busca de alguma pista acerca da sua forma de pensar, da sua reacção àquela faceta extraordinária da sua vida e, logo a seguir, pensava: «Para quê?»

Teria de lidar com as consequências presentes.

O sangue de fada que me corria nas veias tornavam-me mais atraente para sobrenaturais. Pelo menos, para alguns vampiros. Nem todos conseguiam detectar a ínfima sugestão de fada nos meus genes, mas costumavam, no mínimo, interessar-se por mim, ainda que, ocasionalmente, com resultados negativos. Ou talvez a história do sangue de fada fosse treta e os vampiros se sentissem atraídos por qualquer mulher jovem e moderadamente atraente que os tratasse com respeito e tolerância.

Quanto à relação entre a telepatia e o lado menos vulgar da minha família, quem poderia saber? Não conhecia muita gente a quem pudesse fazer perguntas, não podia consultar literatura sobre o assunto nem pedir a um laboratório para fazer testes. Talvez o pequeno Hunter e eu tivéssemos ambos desenvolvido a mesma particularidade por coincidência... Sim, claro. Talvez fosse um traço genético independente dos genes de fada.

Talvez fosse apenas sorte.



2

Fui ao *Merlotte's* na manhã seguinte, bem cedo (ou seja, às oito e meia), para conferir a situação do bar. Deixei-me ficar para cobrir o turno de Arlene. Teria de trabalhar a dobrar. Felizmente, a clientela foi ligeira à hora de almoço. Não sabia se era resultado da revelação de Sam ou apenas algo normal. Permitiu-me fazer alguns telefonemas enquanto Terry Bellefleur (que ia ganhando a vida com várias ocupações em part-time) se ocupava do balcão. Estava bem disposto. Pelo menos, tanto quanto conseguia perceber. Era veterano do Vietname e a sua experiência na guerra fora muito traumática. No fundo, era bom tipo e sempre nos tínhamos dado bem. Estava fascinado pela revelação dos lobisomens e metamorfos. Desde a guerra, Terry sempre se dera melhor com animais do que com pessoas.

— Aposto que foi por isto que sempre gostei de trabalhar para o Sam — disse Terry. Sorri-lhe.

— Também gosto de trabalhar para ele — admiti.

Enquanto Terry ia servindo as cervejas e vigiava Jane Bodehouse, uma das nossas alcoólicas residentes, pude usar o telefone para procurar uma empregada substituta. Amelia dissera-me que podia ajudar um pouco, mas apenas à noite por ter conseguido um emprego temporário durante o dia, cobrindo a licença de maternidade de uma funcionária da companhia de seguros.

Comecei por ligar a Charlsie Tooten. Charlsie, apesar de se mostrar compreensiva, disse-me que tinha de se ocupar sozinha da neta enquanto a filha trabalhava e que isso a deixaria demasiado cansada para vir trabalhar. Liguei também a outra antiga funcionária do *Merlotte's*, mas tinha-se empregado noutra bar. Holly disse que podia dobrar o seu turno uma vez, mas não queria voltar a fazê-lo porque tinha de cuidar do filho. Danielle, a outra empregada a tempo inteiro, dissera o mesmo. (No caso de Danielle, a desculpa servia-lhe a dobrar porque tinha dois filhos.)

Por isso, com um enorme suspiro para que o gabinete vazio de Sam percebesse como estava contrariada, acabei por ligar a uma das pessoas de que menos gosto: Tanya Grissom, raposa metamorfa e antiga espia. Demorei algum tempo a localizá-la, mas, depois de ligar a algumas pessoas em Hotshot, consegui finalmente falar com ela em casa de Calvin. Tanya namorava com ele há algum tempo. Simpatizava com Calvin, mas pensar naquele amontoado de pequenas casas em redor da encruzilhada ancestral provocava-me arrepios.

— Tanya, como estás? Fala a Sookie Stackhouse.

— Ah sim? Hmm... Olá.

Não podia culpá-la pela cautela.

— Uma das empregadas do Sam despediu-se. Lembras-te da Arlene? Passou-se com a história dos metamorfos e foi-se embora. Estava a pensar se poderias ficar com alguns turnos dela durante uns tempos.

— Agora és sócia do Sam?

Não pretendia facilitar as coisas.

— Não, estou a procurar alguém porque ele não pode. Teve uma emergência familiar.

— Devo ter sido a última na tua lista.

O meu silêncio breve falou por si.

— Acho que podemos trabalhar juntas — disse-lhe, porque tinha de dizer alguma coisa.

— Tenho um emprego durante o dia, mas posso ajudar numa noite ou duas até encontrares alguém permanente — disse Tanya. Era difícil perceber algum sentido oculto na sua voz.

— Obrigada. — Ficava com duas temporárias. Amelia e Tanya. E poderia ficar com as horas que não pudessem fazer. Não exigiria grandes sacrifícios a ninguém. — Podes vir amanhã para o turno da noite? Se pudesses estar por aqui pelas cinco, cinco e meia, uma de nós pode voltar a explicar-te as tarefas e trabalhas até ao fecho.

Um silêncio curto.

— Estarei aí — disse Tanya. — Tenho umas calças pretas. Tens uma camisola para mim?

— Sim. Tamanho médio?

— Serve.

Desligou.

Não poderia esperar que ficasse satisfeita por me ouvir ou encantada por ajudar, já que nunca tínhamos sido grandes fãs uma da outra. Aliás, apesar de ser pouco provável que ela se recordasse, tinha pedido a Amelia e à sua mentora, Octavia, para a enfeitiçarem. Ainda me perturbava pensar na forma como alterara a vida de Tanya, mas não me parecia que tivesse tido grandes opções. Por vezes, será inevitável sentir arrependimento e seguir em frente.

Sam ligou enquanto Terry e eu fechávamos o bar. Sentia-me tão cansada. Tinha a cabeça pesada e os pés doridos.

— Como estão as coisas por aí? — perguntou. A exaustão notava-se na sua voz.

— Estamos a conseguir — respondi, tentando soar animada e despreocupada. — Como está a tua mãe?

— Viva — disse. — Fala e respira sem assistência. O médico acredita que vai conseguir recuperar. O meu padrasto está preso.

— Que barafunda — considere, genuinamente incomodada pelo que sucedera a Sam.

— A minha mãe acha que lhe devia ter dito antes — contou-me. — Mas teve medo.

— Bom... parece que tinha razões para isso, não? A avaliar pelo que aconteceu.

Ouvi-o expirar com força do outro lado da linha. Concordava comigo.

— Diz que, se tivesse tido uma conversa longa com ele, deixando-o vê-la transformar-se depois de ter visto a transformação na televisão, teria corrido bem.

Estivera tão ocupada com o bar que não tinha tido oportunidade de acompanhar a cobertura televisiva das reacções a esta segunda Grande Revelação. Pensei no que aconteceria no Montana, no Indiana, na Florida. Pensei se algum actor famoso de Hollywood admitiria ser um lobisomem. E se Ryan Seacrest ficasse peludo com a lua cheia? Ou Jennifer Love Hewitt ou Russell Crowe? (Pareceu-me bastante provável neste último caso.) Facilitaria muito a aceitação pública.

— Viste o teu padrasto? Falaste com ele?

— Não. Ainda não. Não me consigo forçar a fazê-lo. O meu irmão foi ter com ele. Diz que o Don começou a chorar. Foi mau.

— A tua irmã também aí está?

— Vem a caminho. Não foi fácil encontrar uma ama. — Soava um pouco hesitante.

— Sabia que a tua mãe era metamorfa, não? — Tentei restringir a incredulidade na voz.

— Não — respondeu. — É muito frequente que os pais não contem aos filhos que não passam pelo mesmo. Os meus irmãos também não sabiam nada sobre mim, como consequência disso mesmo.

— Sinto muito — disse-lhe. Aplicava-se a muitas coisas diferentes.

— Gostava que aqui estivesse — disse Sam, surpreendendo-me.

— Gostava de poder ajudar mais — afirmei. — Se te lembrares de mais alguma coisa que possa fazer, podes ligar-me a qualquer hora.

— Tomas conta do negócio. Isso já é muito — disse. — É melhor tentar dormir.

— Está bem, Sam. Falamos amanhã, sim?

— Claro — respondeu. Parecia tão esgotado e triste que foi difícil não começar a chorar.

Depois dessa conversa, senti-me aliviada por ter conseguido pôr de lado os sentimentos pessoais e ligar a Tanya. Fora a coisa certa a fazer. Saber que a mãe de Sam tinha sido alvejada a tiro por revelar a sua verdadeira natureza... conseguia colocar numa nova perspectiva a minha antipatia por Tanya Grissom.

Caí na cama e adormeci como uma pedra.

Estava segura de que a tranquilidade decorrente da conversa telefónica com Sam se manteria até ao dia seguinte, mas a manhã começou mal.

Naturalmente, era sempre Sam a fazer as encomendas aos fornecedores e a actualizar o inventário. Naturalmente, esquecera-se de me recordar que esperava a entrega de algumas grades de cerveja. Recebi um telefonema do camionista, Duff, e tive de saltar da cama e ir para o *Merlotte's* à pressa. A caminho da porta, vi que a luz do meu atendedor de chamadas piscava. Sentira-me demasiado cansada para ouvir a mensagem na noite anterior. Mas não tinha tempo para me preocupar com isso. Sentia-me aliviada por Duff me ter ligado a mim quando percebeu que Sam não atendia o telefone.

Abri a porta das traseiras do bar e Duff levou as grades para den-

tro, colocando-as no sítio certo. De forma algo nervosa, assinei em vez de Sam. Quando terminou e o camião saiu do parque de estacionamento, Sarah Jen, a carteira, trouxe a correspondência do bar e a de Sam. Aceitei as duas. A carteira estava com vontade de conversar. Ouvira (já) que a mãe de Sam estava no hospital, mas não me pareceu que tivesse de a informar acerca das circunstâncias. Só Sam poderia fazê-lo. Sarah Jen também me queria contar que não a espantava saber que Sam se transformava num animal porque sempre achara que havia nele alguma coisa estranha.

— É um tipo simpático — admitiu. — Não digo o contrário. Mas... há alguma coisa que não bate certo. Não me surpreendeu nada.

— A sério? Ele diz sempre coisas tão simpáticas a teu respeito — disse-lhe, docemente, baixando os olhos e esperando o sucesso da frase. Consegui sentir o encanto preenchendo a cabeça de Sarah Jen de forma tão clara como se tivesse feito um desenho.

— Sempre foi muito educado — afirmou, vendo subitamente Sam como um homem muito perspicaz. — É melhor ir andando. Tenho correio para entregar. Se falares com o Sam, diz-lhe que desejo as melhoras à mãe.

Depois de levar a correspondência para a secretária de Sam, Amelia ligou da companhia de seguros para me dizer que Octavia lhe tinha perguntado pelo telefone se alguma de nós a podia levar ao *Wal-Mart*. Octavia, que perdera a maior parte das suas coisas no Katrina, estava presa em casa sem carro.

— Terás de a levar durante a hora de almoço — disse-lhe, esforçando-me por não elevar a voz. — Tenho muita coisa para fazer hoje. E vêm aí mais sarilhos — disse, vendo um carro estacionar ao lado do meu no parque de estacionamento dos empregados. — Acaba de chegar o tipo diurno do Eric. O Bobby Burnham.

— Ah, queria dizer-te. A Octavia contou que o Eric tentou ligar-te duas vezes para casa. Acabou por dizer ao Bobby onde estarias hoje de manhã — explicou. — Achou que poderia ser importante. Sorte tua. Muito bem. Hei-de conseguir levá-la. De alguma forma.

— Excelente — considerei, tentando não soar tão brusca como me sentia. — Falamos mais tarde.

Bobby Burnham saiu do seu *Impala* e aproximou-se. Eric, o patrão, estava unido a mim através de um relacionamento complicado que se baseava no nosso historial comum, mas também no facto de termos trocado sangues por várias vezes.

E a decisão não fora minha.

Bobby Burnham era uma besta. Talvez Eric o tivesse comprado nos saldos?

— Menina Stackhouse — começou, carregando na cortesia. — O meu mestre pede que venha ao *Fangtasia* hoje à noite para uma reunião com o lugar-tenente do novo rei.

Não era a convocatória que esperara ou o tipo de conversa que antecipara com o xerife vampiro da Área Cinco. Porque tínhamos assuntos pessoais para discutir, imaginei que Eric me ligasse quando as coisas acalmassem com o novo regime e que marcaríamos um compromisso (ou encontro) de algum tipo para discutir os vários itens na nossa agenda mútua. Não me agradava a convocatória impessoal transmitida por um laçao.

— O Eric não sabe usar um telefone? — perguntei.

— Deixou-lhe mensagens ontem à noite. Instruiu-me a vir falar consigo hoje sem falta. Estou apenas a cumprir ordens.

— O Eric mandou-te vir aqui pedir-me para ir ao bar dele esta noite. — Até a mim a frase me parecia difícil de acreditar.

— Sim. Disse: «Encontra-a, entrega a mensagem pessoal e sê educado.» E aqui estou. Sendo educado.

Dizia-me a verdade e isso dilacerava-o. Bastou para me fazer sorrir. Bobby não gostava nada de mim. A melhor explicação que encontrava seria que não me achava digna da atenção de Eric. Não apreciava a falta de reverência que lhe demonstrava e não conseguia perceber porque Pam, a vampira que ocupava a posição de braço-direito de Eric, simpatizava comigo e tratava Bobby como se fosse insignificante.

Não poderia fazer nada para o alterar mesmo que o desgosto de Bobby me preocupasse... e não preocupava. Mas Eric preocupava-me muito. Tinha de falar com ele e o melhor seria despachar o assunto. Vira-o pela última vez no fim de Outubro e estávamos agora a meio de Janeiro.

— Terá de ser quando sair daqui. Estou a gerir as coisas temporariamente — disse-lhe, sem parecer agradada nem graciosa.

— A que horas? Quer que lá esteja às sete. O Victor também estará presente.

Victor Madden era o representante do novo rei, Felipe de Castro. Fora uma anexação sangrenta e Eric era o único xerife do anterior regime ainda vivo. Ficar nas boas graças do novo regime era importante para ele, claro. Não percebia ainda a que ponto isso me devia importar.

Mas a minha relação com Felipe de Castro era positiva graças a um feliz acidente e queria mantê-la assim.

— Talvez consiga lá estar às sete — disse, depois de fazer alguns cálculos. Tentei ignorar o quanto me agradaria ver Eric. Durante pelo menos dez vezes nas semanas anteriores, enfiara-me no carro para ir ter com ele. Mas conseguira resistir aos impulsos, percebendo que estaria ocupado a tentar manter a sua posição perante o novo rei. — Tenho de informar a rapariga nova... Sim, às sete será possível.

— Isso deixá-lo-á muito aliviado — disse Bobby com um esgar de troça.

«Continua assim, palhaço», pensei. E talvez o olhar que lhe lancei tivesse transmitido o pensamento porque me disse logo a seguir:

— A sério que sim. — Usara o tom mais sincero que conseguia encontrar.

— Muito bem. Mensagem recebida — disse-lhe. — Tenho de voltar ao trabalho.

— Onde está o teu patrão?

— Teve um problema familiar no Texas.

— Ah. Pensei que o canil da cidade o tivesse apanhado.

Que graça.

— Adeus, Bobby — disse-lhe, voltando as costas e dirigindo-me à porta dos fundos.

— Toma — disse, fazendo-me virar novamente, irritada —, o Eric disse que precisarias disto. — Passou-me um embrulho de veludo negro. Os vampiros eram incapazes de dar alguma coisa a alguém num saco do *Wal-Mart* ou embrulhado em papel normal. Veludo negro. O embrulho estava preso com um cordão dourado, como o que se usaria para segurar um reposteiro.

Arrepiei-me quando o senti nas mãos.

— Que vem a ser isto?

— Não sei. Não fui instruído a abri-lo.

Odiava o verbo «instruir». Odiava «ofertar» quase na mesma proporção.

— E que devo fazer com o que estiver aqui dentro? — perguntei.

— O Eric disse: «Diz-lhe que mo dê esta noite à frente de Victor.»

Eric não fazia nada sem motivo.

— Está bem — respondi com relutância. — Considera-me instruída.

O turno correu bem. Todos se esforçavam para ajudar e isso era agradável. O cozinheiro trabalhara com afincos durante todo o dia. Seria o décimo quinto cozinheiro que tínhamos desde que começara a trabalhar no *Merlotte's*. Tínhamos tido todas as variações possíveis: negro, branco, homem, mulher, velho, novo, morto (sim, um cozinheiro vampiro), com tendências licantrópicas (um lobisomem) e talvez mais uma ou duas variações que tivesse esquecido. O último, Antoine Lebrun, era muito simpático. Viera até nós por culpa do Katrina. Deixara-se ficar depois da partida da maior parte dos outros refugiados, que se tinham mudado novamente para a costa ou para partes mais longínquas.

Antoine passara dos cinquenta e o cabelo encaracolado tinha manchas grisalhas. Trabalhara em restaurantes concessionados no Superdome. Contou-me no dia em que foi contratado, fazendo-nos estremecer aos dois. Dava-se muito bem com D'Eriq, o seu ajudante.

Quando fui à cozinha para assegurar que tinha tudo o que lhe seria necessário, Antoine confessou que era um orgulho trabalhar para um metamorfo e D'Eriq quis contar uma e outra vez a sua reacção à transformação de Sam. Quando voltou para casa, recebeu um telefonema de um primo que tinha em Monroe e contou-nos também que a mulher do primo era um lobisomem.

Esperei que a reacção de D'Eriq fosse a mais comum. Duas noites antes, muitas pessoas tinham descoberto que alguém que conheciam bem se transformava num animal de algum tipo. Se o metamorfo em questão nunca tivesse revelado sinais de insanidade ou violência, essas pessoas estariam dispostas a aceitar que a dupla natureza era apenas um acréscimo inofensivo ao seu conhecimento do mundo. Chegava mesmo a ser excitante.

Não tive tempo para conferir as reacções pelo mundo fora, mas, pelo menos a nível local, a revelação parecia não ter provocado grandes problemas. Não me pareceu que alguém tentasse incendiar o *Merlotte's* por culpa da dupla natureza de Sam e achei que também o negócio de reparação de motas de Tray estaria a salvo.

Tanya chegou vinte minutos mais cedo, o que a fez subir muito na minha consideração. O sorriso que lhe esbocei era genuíno. Depois de lhe explicar os pormenores básicos como os horários, o salário e as regras de Sam, perguntei:

— Gostas de viver em Hotshot?

— Gosto — respondeu, parecendo um pouco surpreendida.

— As famílias dão-se muito bem por lá. Se alguma coisa corre mal, reúnem-se e discutem o assunto. Os que não gostam da forma como vivem, partem, como fez o Mel Hart. — Quase todos em Hotshot se chamavam Hart ou Norris.

— Tenho-o visto muito com o meu irmão — disse, sentindo-me um pouco curiosa acerca do novo amigo de Jason.

— Sim. Foi o que ouvi dizer. Todos ficaram felizes por ter encontrado alguém para lhe fazer companhia depois de ter passado tanto tempo sozinho.

— Porque não conseguiu integrar-se? — perguntei, indo directa ao assunto.

Tanya disse:

— Parece que o Mel não gosta de partilhar, como é preciso fazer quando se vive numa comunidade pequena como aquela. É muito... Acha que o que é dele, não pode ser de mais ninguém. — Encolheu os ombros. — Pelo menos, foi isso que me disseram.

— O Jason também é assim — disse. Não conseguia ler a mente de Tanya com clareza por culpa da sua dupla natureza, mas conseguia captar-lhe a disposição e as intenções e percebi que as outras panteras se preocupavam com Mel Hart.

Preocupavam-se com a sua integração na grande metrópole de Bon Temps. Hotshot era um universo pequeno e fechado.

Sentia-me um pouco mais animada quando acabei de dar instruções a Tanya (cuja experiência prévia era inquestionável) e pendurei o avental. Fui buscar a bolsa e o embrulho entregue por Bobby Burnham e apressei-me a sair pela porta dos funcionários, entrando no carro para ir a Shreveport.

Comecei a ouvir as notícias pelo caminho, mas a seriedade do mundo real cansou-me. Decidi ouvir um CD de Mariah Carey e senti-me melhor. Não sei cantar, mas adoro berrar a letra de uma canção enquanto conduzo. As tensões do dia começaram a amainar, substituídas por uma disposição optimista.

Sam regressaria, a sua mãe conseguiria recuperar e o marido arrependido juraria amá-la para sempre. O mundo permaneceria espantado com os lobisomens e os metamorfos durante algum tempo, mas tudo voltaria ao normal.

Não é sempre má ideia pensar desta forma?





3

Quanto mais me aproximava do bar de vampiros, mais a minha pulsação acelerava. Era o lado negativo do elo de sangue que partilhava com Eric Northman. Sabia que o veria e isso deixava-me feliz. Deveria sentir-me preocupada. Não saber o que pretendia deveria fazer-me sentir apreensiva. Deveria ter um milhão de perguntas a fazer sobre o embrulho de veludo, mas limitei-me a seguir em frente com um sorriso.

Mesmo que não conseguisse impedir o que sentia, conseguiria controlar as minhas acções. Por pura perversidade, já que ninguém me dissera para entrar pela porta dos funcionários, entrei pela porta principal. Era uma noite movimentada e havia muita gente à espera nos bancos da antecâmara. Pam erguia-se atrás do púlpito de anfitriã. Esboçou um amplo sorriso, permitindo-me ver-lhe os caninos. (Os clientes ficaram encantados.)

Conhecia Pam há algum tempo e era o que mais se aproximava de uma amiga entre os vampiros. Naquela noite, a vampira loura envergava o obrigatório vestido negro diáfano e compunha-o com um véu longo igualmente negro. As unhas estavam pintadas de escarlata.

— Amiga — disse Pam, saindo de trás do púlpito para me abraçar. Foi uma surpresa agradável e retribuí o abraço. Colocara um pouco de

perfume para eclipsar o cheiro vago e seco dos vampiros. — Trouxeste-o? — sussurrou-me ao ouvido.

— O embrulho? Trago-o na bolsa. — Ergui a grande mala castanha pelas alças.

Pam lançou-me um olhar através do véu que não consegui interpretar. Parecia ser uma expressão que misturava exasperação e afecto.

— Nem sequer viste o que tinha dentro?

— Não tive tempo — respondi. Não fora por falta de curiosidade. Não consegui pensar no assunto. — O Sam teve de partir porque a mãe levou um tiro do padrasto. Tenho sido eu a gerir o bar.

Pam olhou-me demoradamente, como se me avaliasse.

— Vai ao gabinete do Eric e entrega-lhe o embrulho — disse. — Deixa-o como está. Não importa quem lá estiver. E não lho entregues como se fosse uma ferramenta de jardinagem esquecida no quintal.

Retribuí-lhe o olhar.

— Que faço eu, Pam? — perguntei, decidindo demasiado tarde que precisava de ser cautelosa.

— Proteges o teu couro — respondeu Pam. — Não duvides. Agora vai. — Aplicou-me uma palmada ligeira nas costas e voltou-se para responder à pergunta de uma turista sobre a frequência com que os vampiros precisam de limpar os dentes. — Quer aproximar-se mais para examinar os meus? — perguntou-lhe com voz insinuante. A mulher guinchou de medo e prazer. Era por aquilo que os humanos vinham a bares de vampiros, a clubes de comédia de vampiros, a lavandarias de vampiros e a casinos de vampiros... para namoriscar com o perigo.

Ocasionalmente, o perigo tornava-se real.

Passei entre as mesas e cruzei a pista de dança até chegar ao fundo. Felicia, a empregada de bar, pareceu desagradada quando me viu. Achou alguma coisa para fazer que envolvia agachar-se para não ser vista. Eu tinha um historial infeliz com os empregados de bar do *Fangtasia*.

Havia alguns vampiros sentados em redor, dispersos entre os turistas boquiabertos, os pseudo-vampiros vestidos a preceito e os humanos que negociavam com vampiros. Na pequena loja de recordações, um dos vampiros refugiados de Nova Orleães vendia uma camisola do *Fangtasia* a um par de raparigas tomadas por risinhos.

A minúscula Thalia, mais pálida do que algodão passado por lixívia e com um perfil que parecia saído de uma moeda antiga, sentava-se

sozinha atrás de uma mesa pequena. Era seguida por fãs que lhe tinham dedicado uma página na internet, mas não se importaria minimamente se todos eles irrompessem em chamadas. Vi um militar bêbado da base da Força Aérea de Barksdale ajoelhar-se diante dela e, quando Thalia voltou os seus olhos escuros para ele, o discurso que tinha preparado morreu-lhe na garganta. Tornando-se também muito pálido, o jovem garboso recuou da vampira com metade do seu tamanho e, apesar do escárnio dos amigos enquanto voltava para a sua mesa, soube que não voltaria a aproximar-se.

Depois daquele vislumbre da vida do bar, foi com agrado que bati à porta de Eric. Ouvi a sua voz no interior, dizendo-me que entrasse. Assim fiz e fechei a porta atrás de mim.

— Olá, Eric — disse. A felicidade que me dominava sempre que o via quase me roubou a voz. Tinha o longo cabelo louro entrançado e vestia um dos seus conjuntos preferidos de calças de ganga e camisola de manga curta. A camisola daquela noite era verde-clara, fazendo-o parecer mais pálido que nunca.

Mas o agrado não era necessariamente devido à beleza de Eric ou ao facto de termos convivido na horizontal. A responsabilidade pertencia ao elo de sangue. Talvez. Tinha de lutar contra o que sentia. Sem dúvida.

Victor Madden, representante de Felipe de Castro, o novo rei, ergueu-se e saudou-me com um aceno da cabeça de caracóis escuros. Baixo e compacto, mostrava-se sempre educado e bem vestido. Naquela noite, estava especialmente resplandecente com um fato verde-azeitona e uma gravata castanha às riscas. Sorri-lhe e estava prestes a dizer-lhe que me agradava voltar a vê-lo quando notei que Eric me olhava, expectante. Ah, claro.

Despi o casaco e extraí o embrulho de veludo da bolsa. Larguei a bolsa e o casaco sobre uma cadeira vazia e aproximei-me da secretária de Eric com o embrulho sobre as mãos estendidas. Era o máximo que podia fazer, abaixo do facto de me ajoelhar e rastejar até ele, algo que nunca faria.

Pousei o embrulho à sua frente, baixei a cabeça de uma forma que esperei que parecesse cerimoniosa e sentei-me na cadeira livre.

— Que te trouxe a nossa amiga de cabelos claros, Eric? — perguntou Victor no tom alegre que lhe ouvira quase sempre. Talvez se sentisse realmente tão feliz ou talvez a sua mamã lhe tivesse ensinado (alguns séculos antes) que se apanham mais moscas com mel do que com vinagre.

Com gestos algo teatrais, Eric desatou o cordão dourado e desembrulhou o veludo em silêncio. Cintilante como uma jóia sobre o pano escuro via-se a faca cerimonial que vira pela última vez na cidade de Rhodes. Eric usara-a quando celebrara o casamento de dois reis vampiros e voltara a usá-la mais tarde para se cortar, quando bebeu o meu sangue e me deu o seu em troca. Fora a troca final, a que (do meu ponto de vista) provocara todos os problemas. Eric ergueu a lâmina brilhante até aos lábios e beijou-a.

Depois de Victor reconhecer a faca, o sorriso desapareceu-lhe por completo. Os dois vampiros entreolharam-se sem vacilar.

— Muito interessante — disse Victor, por fim.

Voltei a sentir que me afogava sem sequer perceber que estava na piscina. Queria falar, mas sentia a vontade de Eric pressionando-me, forçando-me a guardar silêncio. Em assuntos de vampiros, era sensato seguir o seu conselho.

— Assim sendo, retiro da mesa o pedido do tigre — prosseguiu Victor. — Seja como for, não agradava ao meu mestre que desejasse partir. E, claro, informá-lo-ei da tua solicitação anterior. Reconhecemos a tua ligação formal a ela.

Pela inclinação da cabeça de Victor na minha direcção, soube que «ela» era eu. E conhecia apenas um tigre.

— De que falam? — perguntei, sem rodeios.

— Quinn solicitou um encontro privado contigo — explicou Victor. — Mas não poderá regressar à área de Eric sem a permissão do xerife. Foi um dos termos que negociámos quando... quando Eric se tornou o nosso novo associado.

Era uma forma simpática de dizer: «Quando matámos todos os outros vampiros do Louisiana à excepção de Eric e dos seus seguidores. Quando salvaste o nosso rei de uma segunda morte.»

Desejei um momento para pensar longe daquele sítio e dos dois vampiros que me olhavam fixamente.

— Esta nova regra aplica-se apenas a Quinn ou a todos os metamorfos que queiram entrar no Louisiana? Como será possível controlar os lobisomens? E quando entrou em efeito? — perguntei a Eric, tentando ganhar tempo enquanto me recompunha. Queria também que Victor explicasse a última parte do que dissera, a parte da «ligação formal», mas decidi esclarecer uma coisa de cada vez.

— Há três semanas — disse Eric, começando por responder primeiro à última pergunta. A sua expressão mantinha-se calma e a voz

estava tranquila. — A «nova regra» aplica-se apenas a metamorfos envolvidos em negócios connosco. — Quinn trabalhara para a *EE(E)* e suspeitei que pelo menos alguns dos proprietários seriam vampiros, já que a sua função não era ocupar-se dos casamentos e *bar mitzvahs* organizados pelo ramo humano da empresa. Cabia-lhe organizar eventos sobrenaturais. — O tigre foi rejeitado por ti. Ouvi-o da sua boca. Que motivo teria para regressar? — Eric encolheu os ombros.

Pelo menos, não tentara dourar a pílula, dizendo: «achei que poderia incomodar-te» ou «fi-lo para o teu bem». Sem ligar à ligação existente entre nós (resistia naquele preciso momento à tentação de lhe sorrir), senti os cabelos da nuca arrepiarem-se ao perceber a forma como Eric tomava decisões por mim.

— Agora que estás abertamente ligada a Eric — disse Victor com voz gentil —, certamente não desejarás ver Quinn e informá-lo desse facto.

— Estou o quê? — Olhei Eric com severidade. O olhar que me retribuía poderia apenas ser descrito como «vazio».

— A faca — disse Victor, soando mais feliz. — É esse o seu significado. É uma faca ritual passada de mão em mão ao longo dos séculos, usada em cerimónias importantes e em sacrifícios. Não é a única, claro, mas são raras. Actualmente, é usada apenas em rituais de casamento. Não sei ao certo como veio parar às mãos de Eric, mas o facto de lha teres entregado e a sua aceitação poderão significar apenas que estão ligados.

— Vamos com calma. Respiremos fundo — disse, apesar de ser a única que respirava. Ergui a mão como se avançassem para mim e quisesse travá-los. — Eric? — tentei carregar a voz com tudo o que sentia, mas era impossível que uma única palavra transmitisse tanta coisa.

— É para a tua protecção, querida — disse. Tentava manter-se sereno para que me fosse transmitida alguma serenidade pelo nosso elo, pondo fim à agitação que sentia.

Mas alguns litros de serenidade não chegariam para me tranquilizar.

— Isto revela tanta arrogância — disse com voz embargada. — Que descaramento. Como pudeste fazê-lo sem falar comigo? Como pudeste pensar que permitiria que me envolvesse em alguma coisa sem me pedires a opinião? Não nos vemos há meses.

— Tenho estado um pouco ocupado por aqui. Contava com o teu sentido de autopreservação — disse Eric, sendo sincero mas sem revelar grande tacto. — Duvidas que só quero o melhor para ti?

— Não duvido que queiras o que julgas ser o melhor para mim — respondi. — E não duvido que isso siga de muito perto o que julgas ser o melhor para ti.

Victor riu-se.

— Conhece-te bem, Eric — afirmou. Ambos o fitámos com severidade. — Ups — disse, fingindo correr um fecho sobre a boca.

— Eric, vou para casa. Falaremos sobre isto em breve, mas não sei quando. Estou a gerir o bar durante a ausência do Sam. Teve problemas na família.

— Mas Clancy informou-me de que a revelação não teve problemas em Bon Temps.

— É verdade. Mas em casa da família do Sam, no Texas, as coisas não correram assim tão bem.

Eric pareceu enojado.

— Fiz tudo para ajudar. Enviei pelo menos um dos meus a todos os locais públicos. Eu próprio fui testemunhar a transformação de Alcide no Casino de Shamrock.

— Correu bem? — perguntei, temporariamente distraída.

— Sim. Houve apenas alguns bêbados a provocarem problemas. Foram acalmados com grande facilidade. Uma mulher ofereceu-se a Alcide na sua forma de lobo.

— Que nojo — disse. Ergui-me e peguei na bolsa. Ocupara-me tempo suficiente.

Eric levantou-se e saltou sobre a secretária num movimento tão perturbador como impressionante. De repente, estava à minha frente, rodeando-me com os braços e aproximando-me dele. Precisei de todas as minhas forças para manter as costas hirtas e para me impedir de me encostar a ele. Seria difícil explicar como o elo me fazia sentir. Por mais furiosa que ficasse com Eric, a felicidade que sentia quando estava com ele era imensa. Não que o desejasse descontroladamente quando estávamos separados. Apenas nunca conseguia abstrair-me da sua existência. Acontecia sempre. Pensei se seria igual com ele.

— Amanhã à noite? — perguntou, libertando-me.

— Se tiver tempo. Temos muito para conversar. — Despedi-me de Victor com um movimento rígido da cabeça e saí. Olhei para trás uma única vez, vendo a faca a brilhar sobre o veludo negro na secretária.

Sabia onde Eric a conseguira. Ficara com ela em vez de a devolver a Quinn, que organizara um casamento entre dois vampiros, cerimó-

nia que presenciara em Rhodes. Eric, que se tornara um sacerdote de algum tipo graças a um curso por correspondência, celebrara o ritual e, depois, era evidente que tinha guardado a faca para a eventualidade de vir a ser-lhe útil. Não sabia como a teria recuperado dos destroços do hotel. Talvez tivesse regressado durante a noite, depois da explosão diurna. Talvez tivesse enviado Pam. Mas conseguira-a e usara-a para me prender nalguma forma de ligação oficial.

E, graças ao afecto atordoado que sentia... ou carinho... ou apego... pelo vampiro víquingue, fizera exactamente o que tinha pedido sem consultar o meu bom senso.

Não percebia com quem me sentia mais irritada. Com Eric ou comigo mesma.





4

Passei uma noite inquieta. Pensava em Eric e sentia-me confortada por uma alegria repentina. A seguir, voltava a pensar em Eric e queria esmurrá-lo na cara. Pensava em Bill, o primeiro homem com quem saíra mais do que uma vez, o primeiro homem com quem tinha ido para a cama. Recordando a sua voz e o seu corpo serenos, a sua calma contida e comparando-o com Eric, não acreditava que pudesse ter-me apaixonado por dois homens tão diferentes, sobretudo quando se incluía na equação o meu relacionamento demasiado breve com Quinn. Quinn tinha sangue quente em todos os sentidos da expressão, era impulsivo, carinhoso e, no entanto, o passado marcara-o de tal forma que não conseguira partilhá-lo comigo. O que, no meu ponto de vista, acabou por arruinar o que existia entre nós. Também saíra com Alcide Herveaux, agora líder de alcateia, mas não fora longe.

Uma revista completa dos homens na vida de Sookie Stackhouse.

Não odeiam noites assim? Em que pensam em todos os erros que cometeram, em todas as mágoas sofridas, em todas as maldades feitas? Não se lucra nada, não se adianta nada e não permite que durmamos. Nessa noite, tinha a cabeça ocupada com homens e não de uma forma agradável.

Quando os meus problemas com o sexo oposto se esgotaram como tema de reflexão, comecei a preocupar-me com a responsabilidade de gerir o bar. Acabei por conseguir dormir umas três horas depois de me forçar a admitir que não conseguiria destruir o negócio de Sam em apenas alguns dias.

Sam ligou na manhã seguinte, antes de sair de eu casa, para me dizer que a mãe estava melhor e que recuperaria sem dúvida. O irmão e a irmã lidavam com as revelações familiares de forma muito mais calma. Don continuava preso, claro.

— Se continuar a melhorar como até aqui, poderei voltar dentro de poucos dias — disse. — Ou até mais cedo. Claro que os médicos não param de nos dizer que lhes custa acreditar na rapidez da recuperação. — Suspirou. — Pelo menos, já não temos de esconder.

— Como lida a tua mãe com a carga emocional? — perguntei.

— Deixou de insistir na libertação do meu padrasto. E, desde que teve uma conversa franca com os três filhos, admite que poderá divorciar-se do Don — explicou. — Não lhe agrada a ideia, mas não sei se será possível uma reconciliação total com alguém que nos deu um tiro.

Apesar de ter atendido o telefone que mantinha ao lado da cama e de continuar confortavelmente deitada, não conseguiria voltar a adormecer depois de desligarmos. Odiava ouvir a dor na voz de Sam. Tinha preocupações suficientes sem os meus problemas pessoais e nem sequer ponderei seriamente referir o incidente da faca, mesmo que me aliviasse partilhá-lo.

Estava de pé e vestida às oito, o que era cedo para mim. Andava de um lado para o outro e pensava, sentindo-me tão enrugada e torcida como os lençóis da cama. Desejei que alguém pudesse esticar-me e alisar-me, como eu alisava os lençóis. Amelia estava em casa (verifiquei enquanto fazia o café que o seu carro estava estacionado nas traseiras) e vira Octavia entrando na casa de banho do corredor. Parecia ser uma manhã típica, igual às manhãs anteriores na minha casa.

O padrão foi interrompido por batidas na porta da frente. Habitualmente, o esmagar da gravilha do caminho alertava-me para chegadas, mas, com o entorpecimento matinal maior do que era costume, não ouvira nada.

Espreitei pelo óculo e vi um homem e uma mulher, ambos de fato. Não pareciam Testemunhas de Jeová ou assaltantes. Sondei-os mentalmente e não encontrei qualquer hostilidade ou raiva. Apenas curiosidade.

Abri a porta. Sorri-lhes amplamente.

— Posso ajudar-vos? — perguntei. O ar frio dançou em redor dos meus pés descalços.

A mulher, que teria provavelmente quarenta e poucos anos, retribuiu o sorriso. O cabelo castanho tinha alguns vestígios grisalhos e estava cortado de forma simples, chegando-lhe ao queixo. Penteara-o com grande precisão. O fato era cinzento-escuro e tinha uma camisola negra por baixo, da mesma cor dos sapatos. Trazia um saco negro na mão. Não era exactamente uma bolsa. Parecia mais um estojo de computador portátil.

Estendeu a mão e, quando lhe toquei, fiquei a saber mais. Era difícil camuflar o choque na voz.

— Integro a delegação do FBI em Nova Orleães — disse. Era uma forma bombástica de começar uma conversa. — Agente Sara Weiss. Este é o agente especial Tom Lattesta, do nosso gabinete de Rhodes.

— E qual é o motivo da vossa visita...? — Mantive a expressão simpaticamente neutra.

— Podemos entrar? O Tom veio de Rhodes para falar consigo e a casa arrefece com a porta aberta.

— Claro — respondi, sem grande certeza. Esforçava-me para captar a sua intenção, mas não era fácil. Conseguia apenas perceber que não tinham vindo prender-me ou fazer outra coisa igualmente drástica.

— O momento é conveniente? — perguntou a agente Weiss. Dava a entender que não se importaria de voltar mais tarde, mas sabia que não era isso que sentia.

— Tão conveniente como qualquer outro — respondi. A minha avó ter-me-ia olhado com severidade pela falta de cortesia, mas também era verdade que a minha avó nunca fora questionada pelo FBI. Não se tratava propriamente de uma visita social. — Terei de ir trabalhar muito em breve — acrescentei, permitindo-me uma saída daquela situação.

— Foi desagradável o que aconteceu à mãe do seu patrão — disse Lattesta. — O grande anúncio correu bem no bar? — Pela sua pronúncia, percebi que teria nascido a norte da Linha Mason-Dixon e, pelo conhecimento da identidade e do paradeiro de Sam, notava-se que tinha feito os trabalhos de casa, sem esquecer a investigação do sítio onde eu trabalhava.

A sensação desagradável no meu estômago intensificou-se. Por

um momento, desejei tanto que Eric ali estivesse que me deixou zonha. Depois, olhei pela janela, percebi como o dia estava luminoso e senti apenas raiva pela minha ânsia. «É isto que acontece», disse a mim própria.

— Ter lobisomens em redor torna o mundo mais interessante, não é? — considere. Surgiu-me um sorriso na cara, o sorriso que deixava claro que me sentia muito nervosa. — Os vossos casacos, por favor. Sentem-se. — Indiquei o sofá e instalaram-se nele. — Posso trazer-vos café ou chá gelado? — perguntei, agradecendo à educação da minha avó por conseguir manter as palavras a fluir.

— Ah — disse Weiss. — Um pouco de chá gelado seria maravilhoso. Sei que está frio lá fora, mas bebo-o durante o ano todo. Sou uma sulista legítima.

Talvez demasiado legítima na minha opinião. Parecia-me que exagerava. Não acreditava que Weiss se tornasse a minha melhor amiga e não pretendia trocar receitas com ela.

— Também quer? — Olhei Lattesta.

— Claro. Pode ser — respondeu.

— Com ou sem açúcar? — Lattesta achou que seria agradável provar o famoso chá doce do Sul e Weiss aceitou o mesmo por cortesia. — Deixem-me avisar as minhas companheiras de casa de que temos companhia — disse, gritando pelas escadas acima. — Amelia! Está aqui o FBI!

— Desço já — respondeu, não parecendo nada surpresa. Sabia que tinha estado no topo das escadas à escuta.

Octavia surgiu, vestindo as calças verdes preferidas com uma camisa às riscas de mangas compridas, parecendo tão digna e doce quanto uma mulher negra, idosa e grisalha poderia parecer. Não ficava atrás de Ruby Dee.

— Olá — disse, radiante. Apesar de se parecer com a avó ideal de qualquer pessoa, era uma bruxa poderosa capaz de lançar feitiços com precisão quase cirúrgica. Tivera uma vida inteira para praticar a ocultação da sua habilidade. — A Sookie não nos contou que esperava companhia ou teríamos arrumado a casa. — Octavia sorriu ainda mais. Indicou com a mão a sala impecável em redor. Nunca seria fotografada pela revista *Southern Living*, mas estava perfeitamente limpa.

— Parece-me impecável — disse Weiss, respeitosamente. — Gostava que a minha casa tivesse este aspecto. — Dizia a verdade. Tinha

dois filhos adolescentes, um marido e três cães. Senti-me solidária (e talvez um pouco invejosa).

— Sookie, trago chá aos teus convidados enquanto conversam — disse Octavia com a sua voz mais doce. — Não precisas de te levantar. — Os agentes no sofá olhavam a sala modesta com interesse quando regressou com guardanapos e dois copos de chá doce, com pedras de gelo tilintando delicadamente no interior. Ergui-me da cadeira diante do sofá para colocar os guardanapos sobre a mesa e Octavia pousou os copos sobre os mesmos. Lattesta bebeu um grande gole. O canto da boca de Octavia estremeceu um pouco quando reagiu com uma expressão sobressaltada e se esforçou para a transformar em surpresa agradada.

— Que queriam perguntar-me? — Chegara o momento de ir directamente ao assunto. Sorria-lhes, radiante, com as mãos unidas no colo, os pés paralelos e os joelhos juntos.

Lattesta trouxera uma pasta. Colocou-a sobre a mesinha e abriu. Retirou uma fotografia e passou-ma. Fora tirada a meio da tarde na cidade de Rhodes, alguns meses antes. Era suficientemente clara, apesar de o ar que rodeava as pessoas retratadas estar carregado com nuvens de pó erguidas pelo colapso do *Pyramid of Gizeh*.

Mantive os olhos fixos na fotografia. Mantive o sorriso, mas não consegui evitar o aperto no coração.

Na imagem, Barry, o Pacote, e eu erguíamo-nos juntos no entulho do *Pyramid*, o hotel de vampiros que uma facção renegada da Irmandade tinha feito explodir no último mês de Outubro. Era mais fácil identificar-me a mim do que ao meu companheiro porque Barry se via de perfil. Eu estava virada para a câmara, sem saber, com os olhos na face de Barry. Estávamos ambos cobertos de terra, sangue, cinza e pó.

— É você, menina Stackhouse — disse Lattesta.

— É verdade. — Seria inútil negar que a mulher na fotografia era eu, mas gostaria muito de ter podido fazê-lo. Olhar a imagem era agoniante. Porque me forçava a recordar esse dia com demasiada clareza.

— Estava hospedada no *Pyramid* quando ocorreu a explosão?

— Estava.

— Estava ao serviço de Sophie-Anne Leclerq, uma empresária vampira. A alegada rainha do Louisiana.

Ocorreu-me dizer-lhe que não havia qualquer «alegação», mas o bom senso bloqueou-me essas palavras.

- Voei até lá com ela — disse, ao invés.
- E Sophie-Anne Leclerq sofreu vários ferimentos na explosão?
- Foi o que me disseram.
- Não a viu depois da explosão?
- Não.
- Quem é este homem a seu lado na fotografia?

Lattesta não conseguira identificar Barry. Forcei-me a manter os ombros erguidos para que o alívio não os fizesse baixar.

— Procurou-me depois da explosão — respondi. — Estávamos em melhor estado do que a maioria e ajudámos a procurar sobreviventes. — Era verdade, mas não a verdade toda. Conhecera Barry meses antes de o encontrar na convenção no *Pyramid*. Estava presente ao serviço do rei do Texas. Pensei na extensão dos conhecimentos do FBI sobre a hierarquia vampira.

- Como procuraram sobreviventes? — perguntou Lattesta.

Era uma pergunta ardilosa. Até então, Barry fora o único telepata que conhecera. Tentámos dar as mãos para aumentar o nosso «alcance» e procurámos padrões mentais nas pilhas de entulho. Inspirei fundo.

— Sou boa a encontrar coisas — disse. — Pareceu-me que seria importante ajudar. Havia muita gente ferida com gravidade.

— O chefe dos bombeiros presentes no local disse que parecia ter algum tipo de capacidade mediúnica — disse Lattesta. Weiss baixou o olhar para o copo de chá, tentando camuflar a expressão.

— Não sou médium — afirmei com sinceridade. De imediato, Weiss sentiu-se desiludida. Achou que estaria perante uma impostora ou uma maluca, mas esperara que admitisse ser legítima.

— O chefe de bombeiros Trochek disse que informou os seus homens acerca dos locais onde poderiam encontrar sobreviventes. Disse que orientou as equipas de salvamento até às vítimas ainda vivas.

Amelia desceu as escadas nesse momento, parecendo muito respeitável com uma camisola vermelha garrida e calças de ganga caras. Olhei-a, esperando que percebesse o meu pedido de ajuda silencioso. Não conseguira voltar costas a uma situação em que poderia salvar vidas. Quando percebi que podia encontrar sobreviventes, que uma união de esforços com Barry resultaria no salvamento de muitas vidas, não consegui rejeitar a tarefa, apesar de recear ser exposta ao mundo como uma aberração.

É difícil explicar o que vejo. Suponho que será como ver o mundo através de óculos de infravermelhos ou algo parecido. Vejo o calor

do cérebro. Consigo contar as pessoas vivas dentro de um edifício, se tiver tempo. Os cérebros de vampiro deixam um buraco, uma mancha negativo. Também costumo conseguir contá-los. Os mortos comuns passam-me despercebidos. Naquele dia, quando dei a mão a Barry, a união ampliou as nossas capacidades. Conseguíamos encontrar os vivos e ouvir os últimos pensamentos dos moribundos. Não o desejaria a ninguém. E não queria voltar a passar pelo mesmo.

— Tivemos sorte — disse. Aquele argumento não convenceria um sapo a saltar.

Amelia avançou com a mão estendida.

— Chamo-me Amelia Broadway — anunciou, como se esperasse que conhecessem o nome.

E conheciam.

— A filha de Copley, não? — perguntou Weiss. — Encontrei-o há algumas semanas por ocasião de um programa comunitário.

— Está muito empenhado na reconstrução da cidade — explicou Amelia com um sorriso desarmante. — E envolveu-se em projectos muito variados. Além disso, é um grande amigo aqui da Sook. — Não era muito subtil, mas, com sorte, seria eficaz. «Deixem a minha companheira de casa em paz. O meu pai é poderoso.»

Weiss acenou afirmativamente, parecendo agradada.

— Como veio parar a Bon Temps, menina Broadway? — perguntou. — Deve parecer-lhe tudo muito sossegado depois de Nova Orleães. — «Que faz uma cabra rica como tu nesta parvónia? A propósito, o teu pai não está por perto para interceder em teu favor.»

— A minha casa foi danificada durante o Katrina — explicou. Não acrescentou mais nada. Não lhes contou que veio para Bon Temps antes do furacão.

— E a Sra. Fant? — perguntou Lattesta. — Também foi evacuada? — Não abandonara o assunto da minha habilidade, mas mostrava-se disposto a seguir o fluxo da socialização.

— Sim — respondeu Octavia. — Vivia com a minha sobrinha numa casa pouco espaçosa e a Sookie teve a bondade de me oferecer o seu quarto vago.

— Como se conheceram? — perguntou Weiss, como se esperasse ouvir uma história encantadora.

— Pela Amelia — disse, devolvendo-lhe um sorriso igualmente feliz.

— E onde conheceu a Amelia?

— Em Nova Orleães — respondeu Amelia, pondo um travão a quaisquer perguntas adicionais sobre aquele tema.

— Quer mais chá gelado? — perguntou Octavia a Lattesta.

— Não, obrigado — respondeu, quase estremeando. Fora a vez de Octavia de fazer o chá e era verdade que tinha mão pesada com o açúcar. — Menina Stackhouse, sabe como poderemos contactar este jovem? — Apontou a fotografia.

Encolhi os ombros.

— Ajudámos a procurar sobreviventes — disse-lhe. — Foi um dia terrível. Não me recordo como disse que se chamava.

— Que estranho — considerou Lattesta, fazendo-me pensar: «Ó, merda». — Porque alguém que encaixa na sua descrição e um jovem que encaixa na dele partilharam um quarto num motel não muito distante do local da explosão nessa mesma noite.

— Não é preciso saber o nome de alguém para partilhar um quarto de motel — disse Amelia com toda a razão.

Encolhi os ombros e tentei parecer envergonhada, o que não era difícil. Preferia que me achassem sexualmente leviana em vez de decidirem que mereceria maior atenção.

— Partilhámos um acontecimento horrível e gerador de grande tensão. Depois, sentimo-nos muito próximos. Foi assim que reagimos. — Na verdade, Barry adormecera quase imediatamente e eu não tardara muito mais. O sexo nem nos passou pela cabeça.

Os dois agentes fitaram-me, pouco convencidos. Weiss estava certa de que mentia e Lattesta suspeitava. Achava que conheceria bem Barry.

O telefone tocou e Amelia dirigiu-se à cozinha para atender. Quando voltou, parecia verde.

— Sookie, era o Antoine. Ligou do telemóvel. Precisam de ti no bar — disse. Depois, voltou-se para os agentes do FBI. — Talvez seja melhor acompanharem-na.

— Porquê? — perguntou Weiss. — Que se passa? — Estava já de pé. Lattesta voltava a guardar a fotografia na pasta.

— Um homicídio — disse Amelia. — Uma mulher foi crucificada atrás do bar.

Os agentes seguiram-me até ao *Merlotte's*. Havia cinco ou seis carros estacionados junto ao ponto onde terminava o parque de estacionamento dos clientes e começava o dos funcionários, bloqueando o acesso às traseiras. Mas saltei do carro e abri caminho entre eles, com os agentes do FBI atrás de mim.

Custara-me a crer, mas era verdade. Havia uma cruz tradicional erigida junto às árvores, onde a gravilha cedia lugar à terra. Havia alguém pregado. Observei o corpo distorcido, os rastos de sangue seco e cheguei à face.

— Ó, não... — disse, sentindo os joelhos cederem.

Antoine, o cozinheiro, e D'Eriq, o ajudante, surgiram subitamente a meu lado, impedindo-me a queda. A cara de D'Eriq estava marcada pelas lágrimas e Antoine parecia abatido mas sem deixar de manter a compostura. Estivera no Iraque e em Nova Orleães durante o Katrina. Vira coisas piores.

— Sinto muito, Sookie — disse.

Andy Bellefleur estava presente e o xerife Dearborn também. Aproximaram-se de mim, parecendo maiores e mais pesados dentro dos seus casacos estofados impermeáveis. Notava-se nas suas expressões o choque suprimido.

— Lamento o que aconteceu à tua cunhada — disse Bud Dearborn. Quase não ouvi as palavras.

— Estava grávida — retorqui. — Grávida. — Era tudo em que conseguia pensar. Não me espantava que alguém tivesse querido matar Crystal, mas sentia-me horrorizada pelo bebé.

Inspirei fundo e consegui voltar a olhar. As mãos ensanguentadas de Crystal eram patas de pantera. A parte inferior das suas pernas também se transformara. O efeito tornava-se ainda mais chocante e grotesco do que a crucificação de uma mulher comum e, se fosse possível, tornava-se também mais digno de pena.

Sucederam-se na minha cabeça vários pensamentos sem sequência lógica. Pensei em quem precisaria de ser informado da morte de Crystal. Calvin, não apenas líder do seu clã mas também seu tio. O meu irmão, marido de Crystal. Porque fora deixada precisamente ali? Quem poderia ter feito aquilo?

— Já ligaram ao Jason? — perguntei, sentindo a boca dormente. Tentei culpar o frio, mas sabia que era o choque. — Deve estar a trabalhar a esta hora.

Bud Dearborn respondeu:

— Já lhe ligámos.

— Por favor, não o obriguem a vê-la — disse. O sangue escorria profusamente pela cruz abaixo, acumulando-se no chão à volta da base. Contive um vômito e consegui recompor-me.

— Sei que o traía e que a separação era pública. — Bud tentava mostrar-se distante, mas o esforço era grande. Percebia-se raiva nos seus olhos.

— Pode pedir esclarecimentos a Dove Beck — respondi, imediatamente, assumindo uma postura defensiva. Alcee Beck era detective da polícia de Bon Temps e o homem que Crystal elegera para trair o meu irmão era Dove, seu primo. — Sim. A Crystal e o Jason estavam separados. Mas nunca faria nada ao seu bebé. — Sabia que Jason não seria capaz de fazer algo tão horrível a Crystal, por maior que fosse a provocação. Mas não esperava que mais alguém acreditasse em mim.

Lattesta aproximou-se com a agente Weiss seguindo-o de perto. Parecia um pouco pálida à volta dos lábios, mas a voz mantinha-se firme.

— Pelo estado do corpo, suponho que a mulher se transformava numa... pantera. — Disse a palavra como se fosse difícil de pronunciar. Acenei afirmativamente.

— Sim. Transformava. — Continuava a tentar impedir-me de vomitar.

— Poderá ser um crime motivado pelo preconceito — disse Lattesta. A sua expressão mantinha-se firme e os pensamentos estavam ordenados. Compunha uma lista mental dos telefonemas que deveria fazer e tentava perceber se havia alguma forma de conseguir ocupar-se do caso. Se o homicídio tivesse sido realmente um crime motivado pelo preconceito, tinha boas hipóteses de participar na investigação.

— E quem é você? — perguntou Bud Dearborn. Tinha as mãos no cinto e olhava Weiss e Lattesta como se tentassem vender lotes no cemitério a quem não precisava deles.

Enquanto os agentes da autoridade se apresentavam e trocavam comentários profundos sobre o cenário do crime, Antoine disse-me:

— Lamento, Sookie. Tivemos de os chamar. Mas ligámos para tua casa logo a seguir.

— Claro que tinham de os chamar — concordei. — Mas desejava que o Sam aqui estivesse. — Santo Deus. Tirei o telemóvel do bolso e seleccionei o seu número na marcação rápida. — Sam — comecei. — Podes falar?

— Sim — respondeu, soando apreensivo. Teria já percebido que algo estava mal.

— Onde estás?

— No carro.

— Tenho más notícias.

— Que aconteceu? O bar ardeu?

— Não. A Crystal foi assassinada no parque de estacionamento. Perto da tua caravana.

— Merda. Onde está o Jason?

— Tanto quanto sei, virá a caminho.

— Sinto muito, Sookie. — Parecia exausto. — Vai ser mau.

— O FBI está aqui. Acham que pode ter sido motivado pelo preconceito. — Poupei-o ao motivo que os trouxera a Bon Temps.

— Muita gente não gostava da Crystal — disse Sam, cautelosa-mente com a surpresa alterando-lhe a voz.

— Foi crucificada.

— Foda-se! — Uma longa pausa. — Sook, se a minha mãe continuar estável e não houver desenvolvimentos jurídicos relacionados com o meu padrasto, regresso ao fim do dia ou amanhã de manhã.

— Ótimo. — Aquela palavra isolada não conseguiria conter todo o alívio que sentia. E era inútil fingir que tinha tudo controlado.

— Sinto muito, querida — disse, mais uma vez. — Por seres tu a ter de lidar com o assunto, pela suspeita que recairá sobre o Jason e por tudo. Também pela Crystal.

— Vai ser bom voltar a ver-te — confessei. A voz tremia-me com a ameaça de lágrimas.

— Não demoro. — E desligou.

Lattesta disse:

— Menina Stackhouse, estes homens também são funcionários do bar?

Apresentei-lhe Antoine e D'Eriq. A expressão de Antoine não se alterou, mas D'Eriq estava visivelmente impressionado por conhecer um agente do FBI.

— Ambos conheciam Crystal Norris, não é assim? — perguntou Lattesta com voz tranquila.

— Só de vista — disse Antoine. — Vinha ao bar de vez em quando.

D'Eriq concordou com um aceno.

— Crystal Norris Stackhouse — disse-lhe. — É minha cunhada. O xerife contactou o meu irmão, mas precisarão de contactar também o tio, Calvin Norris. Trabalha na *Norcross*.

— É o parente vivo mais próximo além do marido?

— Tem uma irmã. Mas Calvin é o líder do... — Calei-me, não sabendo se Calvin apoiara a Grande Revelação. — Criou-a — concluí. Não andaria longe.

Lattesta e Weiss reuniram-se com Bud Dearborn. A conversa era animada, provavelmente sobre Calvin e a minúscula comunidade na encruzilhada remota. Hotshot era um grupo de pequenas casas contendo muitos segredos. Crystal quisera escapar, mas, em simultâneo, fora lá que se sentira mais segura.

Os meus olhos regressaram à figura torturada na cruz. Estava vestida, mas as roupas tinham sido rasgadas quando os braços e as pernas se transformaram em membros de pantera. Havia sangue por toda a parte. As mãos e os pés, trespassadas com pregos, estavam completamente ensanguentadas. Havia cordas segurando-a ao braço horizontal da cruz, impedindo que a carne se rasgasse, como aconteceria se estivesse presa apenas pelos pregos.

Vira muitas coisas horrendas, mas aquela seria a que maior pena me provocava.

— Pobre Crystal — disse, sentindo as lágrimas escorrendo pela cara.

— Não gostavas dela — disse Andy Bellefleur. Tentei perceber há quanto tempo ali estaria, contemplando a ruína que fora outrora uma mulher viva e saudável. Tinha a barba por fazer e o nariz vermelho. Estava constipado. Tossiu e desculpou-se antes de usar um lenço.

D'Eriq e Antoine conversavam com Alcee Beck. Alcee era o outro detective da polícia de Bon Temps e isso não tornava a investigação nada promissora. Não sentiria grande pesar pela morte de Crystal.

Andy voltou-se novamente para mim depois de enfiar o lenço no bolso. Observei a sua face larga e fatigada. Sabia que daria o seu melhor para encontrar o responsável. Confiava nele. Era encorpado, alguns anos mais velho do que eu e nunca fora muito sorridente. Era sisudo e desconfiado. Não sabia se tinha escolhido a profissão por se adequar a ela ou se a sua personalidade se tinha adaptado à profissão.

— Ouço dizer que estavam separados.

— Sim. Traiu-o. — Era do conhecimento público. Não fingiria o contrário.

— Mesmo grávida como estava? — Andy abanou a cabeça.

— Sim. — Abri as mãos. «A Crystal era assim.»

— É doentio — considerou Andy.

— É. Trair o marido com o bebé dos dois na barriga... é especialmente nojento. — Era um pensamento que nunca expressara.

— Quem era o outro homem? — perguntou Andy, em tom casual. — Ou homens?

— És a única pessoa em Bon Temps que não sabe que ela dormia com o Dove Beck — disse-lhe.

Interiorizou a informação. Olhou Alcee Beck e voltou a fixar o olhar em mim.

— Agora já sei — disse. — Quem a odiava a este ponto, Sookie?

— Se pensas no Jason, esquece. Nunca faria isto ao seu bebé.

— Se era assim tão leviana, talvez o bebé não fosse do teu irmão — disse Andy. — E talvez ele o tenha descoberto.

— Era seu — afirmei com uma firmeza que não podia garantir que sentia. — Mas, mesmo que não fosse, se algum teste o comprovar, não mataria o bebé de ninguém. Seja como for, não viviam juntos. Ela mudou-se para casa da irmã. Porque se daria ao trabalho?

— Porque estava o FBI em tua casa?

Percebia que o interrogatório seria unidireccional.

— Vieram fazer perguntas sobre a explosão em Rhodes — respondi. — Fui informada do que aconteceu à Crystal enquanto lá estavam. Acho que decidiram vir por curiosidade profissional. Lattesta, o agente, acha que o crime pode ter sido motivado pelo preconceito.

— É uma ideia interessante — considerou. — Parece-me que será, sem dúvida, um crime motivado pelo preconceito, mas ainda não sei se é o tipo de coisa que deverão investigar. — Afastou-se para falar com Weiss. Lattesta observava o cadáver, abanando a cabeça, como se o seu estado fosse demasiado horrível para ser compreendido.

Não sabia o que fazer. Fora encarregue de gerir o bar e o crime ocorrera no terreno do *Merlotte's*. Por isso, senti-me determinada a ficar.

Alcee Beck gritou:

— Todos os presentes que não forem agentes policiais abandonem o local! Todos os agentes policiais que não forem essenciais à investigação do local do crime passem para o parque de estacionamento dianteiro! — O seu olhar fixou-se em mim e apontou a frente do bar com um dedo. Fui encostar-me ao carro. Apesar de estar frio, foi uma sorte para todos que o dia estivesse soalheiro e que não houvesse vento. Ergui a gola do casaco para tapar as orelhas e retirei as luvas pretas do carro. Calcei-as e esperei.

O tempo passou. Vi vários agentes policiais a ir e vir. Quando Holly chegou para o início do seu turno, expliquei o que tinha acontecido e mandei-a para casa, dizendo-lhe que lhe ligaria quando fosse autorizada a abrir. Não conseguia pensar noutra coisa para fazer. Antoine e D'Eriq tinham partido muito antes, depois de me darem os seus números.

A carrinha de Jason travou ao lado do meu carro e vi-o sair, erguendo-se diante de mim. Não falávamos há semanas, mas o momento não era adequado à discussão de assuntos pendentes.

— É verdade? — perguntou.

— É. Sinto muito.

— O bebé também?

— Sim.

— O Alcee procurou-me no trabalho — disse, parecendo atordoado. — Veio perguntar quando a tinha visto pela última vez. Não falava com ela há quatro ou cinco semanas. Só o fiz para lhe enviar dinheiro para as consultas e para as vitaminas. Vi-a uma vez no *Dairy Queen*.

— Com quem estava?

— Com a irmã. — Ouvi-lhe uma inspiração longa e trémula. —
Achas que... Foi mau?

Seria inútil tentar esconder.

— Foi — respondeu.

— Lamento que tenha ido assim — disse. Não estava habituado a expressar emoções complexas e parecia estranha vinda dele aquela combinação de pesar, arrependimento e perda. Parecia cinco anos mais velho. — Magoou-me tanto e senti-me tão furioso com ela, mas não desejaria que sofresse. Deus sabe que o mais provável seria que não conseguíssemos ser bons pais, mas nem tivemos oportunidade de tentar.

Concordei com tudo o que disse.

— Tiveste companhia esta noite? — acabei por perguntar.

— Sim. Levei a Michele Schubert para casa quando saí do *Bayou* — disse. O *Bayou* era um bar em Clarice, a apenas alguns quilómetros de distância.

— Ficou a noite toda?

— Fiz-lhe ovos mexidos de manhã.

— Ótimo. — Por uma vez, a promiscuidade do meu irmão seria benéfica. Michele era uma divorciada sem filhos bastante arrojada. Se alguma mulher estivesse disposta a contar à polícia exactamente onde tinha estado e o que tinha feito, seria Michele. Disse-lho.

— A polícia já falou com ela — contou Jason.

— Foi rápido.

— O Bud estava no *Bayou* ontem à noite.

O xerife teria visto Jason sair e teria reparado em quem o acompanhava. Bud não se manteria tanto tempo no posto de xerife, caso não fosse distraído.

— Ainda bem — admiti, não conseguindo pensar em mais nada para dizer.

— Achas que pode ter sido morta por ser uma pantera? — perguntou Jason, hesitante.

— Talvez. Estava parcialmente transformada quando morreu.

— Pobre Crystal — disse. — Odiaria que alguém a visse assim. — E, para meu espanto, vi lágrimas escorrendo-lhe pela face.

Não sabia como reagir. Consegui apenas retirar um lenço de papel de uma caixa no carro e passar-lho para a mão. Não via Jason chorar há anos. Tinha chorado quando a nossa avó morreu? Talvez amasse realmente Crystal. Talvez não tivesse sido apenas o orgulho ferido a

motivar a sua exposição como adúltera. Certificara-se de que eu e o seu tio Calvin a surpreenderíamos em flagrante. Sentira-me tão enojada e furiosa com o meu estatuto de testemunha forçada (e com as consequências) que evitara Jason durante semanas. A morte de Crystal fizera esbater a raiva, pelo menos durante algum tempo.

— Está além de tudo isso — disse-lhe.

A carrinha maltratada de Calvin parou do outro lado do meu carro. Com movimentos demasiado velozes para seguir com o olhar, colocou-se diante de mim enquanto Tanya Grissom saía pela porta do lado oposto. Não reconheci o olhar de Calvin. Normalmente, os seus olhos eram de um verde amarelado. Naquele momento, eram quase dourados e as íris estavam tão grandes que quase não se via o branco. Tinha as pupilas alongadas. Não trazia qualquer casaco. Olhá-lo arrepiou-me de várias formas diferentes.

Ergui as mãos.

— Sinto muito, Calvin — disse-lhe. — Precisas de saber que não foi o Jason. — Ergui ligeiramente a cabeça, forçando-me a enfrentar o seu estranho olhar. Estava um pouco mais grisalho do que quando o conhecera, vários anos antes, e também mais encorpado. Continuava a parecer sólido, fiável e duro.

— Preciso de a cheirar — disse, ignorando as minhas palavras. — Terão de me deixar ir lá atrás para a cheirar. Saberei.

— Então vamos. Vamos dizer-lhes isso — afirmei, não apenas por ser uma boa ideia, mas também porque queria mantê-lo longe de Jason. O meu irmão teve o bom senso de se manter do outro lado do meu carro. Segurei o braço de Calvin e começámos a contornar o edifício, sendo travados pela fita da investigação policial.

Bud Dearborn passou para o lado oposto da fita quando nos viu.

— Calvin, sei que estás perturbado e sinto muito pelo que aconteceu à tua sobrinha — começou. Uma garra brilhou e Calvin rasgou a fita e caminhou em direcção à cruz.

Antes de conseguir dar três passos, os dois agentes do FBI interceptaram-no. Subitamente, estavam no chão. Houve muitos gritos e alvoroço e Calvin foi agarrado por Bud, Andy e Alcee, com Lattesta e Weiss tentando ajudar a partir das suas posições nada dignas.

— Calvin — gemeu Bud Dearborn. Bud não era um homem jovem e era claro que segurar Calvin exigia toda a sua força. — Tens de manter a distância. As provas que possamos recolher ficarão contaminadas se não te mantiveres longe do corpo. — A contenção de Bud

espantou-me. Teria esperado que golpeasse Calvin na cabeça com o seu bastão ou com uma lanterna. Ao invés, parecia tão compreensivo como um homem esgotado se poderia mostrar. Pela primeira vez, compreendi que não era a única a conhecer o segredo da comunidade de Hotshot. A mão enrugada de Bud pousou-se no braço de Calvin num gesto conciliador. O xerife mostrou-se cuidadoso para evitar tocar as garras de Calvin. O agente Lattesta viu-as e reagiu com um gemido de alerta incoerente.

— Bud — disse Calvin com a voz transformada num rosnado —, se não podes deixar-me aproximar agora, terei de a cheirar quando a fizerem descer. Quero captar o cheiro dos culpados.

— Verei se será possível — disse Bud com firmeza. — Por agora, amigo, temos de te levar daqui para poderem recolher provas que sejam aceites em tribunal. Tens de manter a distância, está bem?

Bud nunca gostara de mim, nem eu dele, mas, naquele momento, subiu muito na minha consideração.

Após um longo momento, Calvin acenou afirmativamente. Os seus ombros pareceram acalmar um pouco. Todos os que o seguravam puderam descontrair.

Bud disse:

— Espera lá à frente. Chamamos-te. Tens a minha palavra.

— Está bem — replicou Calvin. Os polícias libertaram-no e permitiu que eu lhe colocasse um braço sobre os ombros. Juntos, regressámos ao parque de estacionamento dos clientes. Tanya esperava-o, com a tensão visível em cada movimento do corpo. Esperara exactamente o mesmo que eu: que Calvin fosse espancado.

— Não foi o Jason — repeti.

— Não me importa o teu irmão — disse, voltando para mim os olhos estranhos. — É-me indiferente. Não acredito que a tenha matado.

Era claro que acreditava que a ansiedade que sentia por Jason me impedia de perceber que o verdadeiro problema era a morte da sua sobrinha. Era claro que não lhe agradava que assim fosse. Tive de respeitar os seus sentimentos e calei-me.

Tanya pegou-lhe nas mãos, alheia às garras.

— Vão deixar que te aproximes dela? — perguntou. Os seus olhos nunca abandonaram a face de Calvin. Era como se eu não estivesse presente.

— Quando fizerem descer o corpo — disse.

Seria muito bom que Calvin conseguisse identificar o culpado. Agradei a Deus a revelação das criaturas de dupla natureza. Mas... poderia ter sido esse o motivo da morte de Crystal.

— Achas que conseguirás captar o cheiro? — perguntou Tanya. A sua voz estava tranquila, atenta. Nunca a vira tão séria durante a nossa convivência atribulada. Abraçou Calvin e encostou-lhe a cabeça ao ombro. A seguir, olhou-o.

— Depois de lhe tocarem, vou captar muitos cheiros diferentes. Poderei apenas tentar identificá-los. Gostava de ter sido o primeiro a chegar. — Abraçou Tanya como se precisasse de se apoiar em alguém.

Jason estava a um metro de distância, esperando que Calvin notasse a sua presença. Tinha as costas muito direitas e a expressão neutra. Houve um terrível momento de silêncio quando Calvin olhou sobre o ombro de Tanya e viu Jason.

Não sei como Tanya reagiu, mas cada músculo no meu corpo ficou tenso. Lentamente, Calvin estendeu a mão a Jason. Voltara a ser uma mão humana, mas estava marcada. A pele tinha cicatrizes recentes e um dos dedos estava ligeiramente curvado.

Fui eu que fiz isso. Responsabilizara-me por Jason no seu casamento e Calvin fizera o mesmo por Crystal. Depois de Jason nos forçar a testemunhar a infidelidade de Crystal, tivemos de substituir o castigo decretado: a mutilação de uma mão ou pata. Tive de golpear a mão do meu amigo com um tijolo. Desde então, não conseguira voltar a sentir o mesmo por Jason.

Jason curvou-se e lambeu-lhe as costas da mão, mostrando a sua subserviência. Fê-lo sem à-vontade por não estar habituado ao ritual. Sustive a respiração. Os olhos do meu irmão viravam-se para cima, para conseguir ver a face de Calvin. Quando este acenou afirmativamente, todos descontraímos. Calvin aceitava a obediência de Jason.

— Participarás na matança — disse, como se Jason lhe tivesse perguntado alguma coisa.

— Obrigado — respondeu Jason, antes de recuar. Parou quando ficou a um par de metros de distância. — Quero enterrá-la — disse.

— Todos a enterraremos — disse Calvin. — Quando no-la devolverem. — Não havia qualquer partícula de condescendência na sua voz.

Jason hesitou por um momento, antes de acenar com a cabeça.

Calvin entrou na carrinha, acompanhado por Tanya. Pela forma

como se instalaram confortavelmente, era claro que pretendiam esperar ali até que o corpo fosse retirado da cruz. Jason disse:

— Vou para casa. Não posso ficar aqui. — Parecia quase atordoado.

— Está bem — respondi.

— Tu... pretendes ficar?

— Sim. Estou a gerir o bar até ao regresso do Sam.

— Revela grande confiança em ti — considerou Jason.

Acenei afirmativamente. Deveria sentir-me honrada. E sentia realmente.

— É verdade que o padrasto deu um tiro na mãe? Foi o que ouvi dizer no *Bayou* ontem à noite.

— Sim — confirmei. — Não sabia que era metamorfa.

Jason abanou a cabeça.

— Esta história da revelação — começou —, já não sei se foi assim tão boa ideia. A mãe do Sam levou um tiro, a Crystal está morta. Foi alguém que sabia o que significava pendurá-la ali, Sookie. Talvez venham atrás de mim a seguir. Ou do Calvin. Ou do Tray Dawson. Ou do Alcide. Talvez tentem matar-nos a todos.

Pensei em dizer que não seria possível, que as pessoas que conhecia não se voltariam contra amigos e vizinhos por algo que não podiam evitar. Mas acabei por não o dizer. Não sabia se seria verdade.

— Talvez o façam — disse, sentindo um arrepio nas costas. Inspirei fundo. — Mas, porque não foram atrás dos vampiros... a maior parte pelo menos... acho que conseguirão aceitar os metamorfos de todos os tipos. É o que espero, pelo menos.

Mel, vestindo as calças e a camisola desportiva que costumava usar todos os dias na loja de peças para automóvel, saiu do carro e aproximou-se. Notei que se esforçava para não olhar Calvin, apesar de Jason continuar ao lado da carrinha da pantera.

— Então é verdade — disse.

— Está morta, Mel — disse-lhe Jason.

Mel pousou-lhe a mão no ombro da forma pouco confortável como era comum nos homens que precisam de confortar outros homens.

— Vamos, Jason. Não precisas de estar aqui. Vamos para tua casa. Vamos beber um copo.

Jason acenou com a cabeça, parecendo aturdido.

— Está bem. Vamos. — Depois de Jason partir a caminho de casa, seguido de perto por Mel, entrei no meu carro e resgatei os jornais dos dias anteriores do banco de trás. Trazia-os com frequência do alpendre

quando ia trabalhar, atirava-os para ali e tentava ler pelo menos a primeira página dentro de um limite de tempo razoável. Com a partida de Sam e as minhas responsabilidades acrescidas no bar, não lia as notícias desde a revelação dos metamorfos.

Dispus os jornais por ordem cronológica e comecei a ler.

A reacção pública fora variada, indo do pânico à calma. Muita gente referiu ter desconfiado que existiria mais no mundo além de humanos e vampiros. Os vampiros apoiavam por completo os seus irmãos peludos, pelo menos em público. Pela minha experiência, os dois grupos sobrenaturais principais tinham uma relação muito conturbada. Metamorfos e lobisomens troçavam dos vampiros e os vampiros retribuíaam no mesmo tom. Mas parecia que os sobrenaturais tinham decidido aparentar união, pelo menos durante algum tempo.

As reacções governamentais foram muito variadas. Achei que a postura americana teria sido motivada por metamorfos integrados no sistema, já que foi incrivelmente favorável. Havia uma grande inclinação para aceitar os metamorfos como sendo completamente humanos, mantendo os seus direitos como americanos exactamente como eram antes de se conhecer a sua natureza dupla. Isto não podia agradar aos vampiros porque os seus direitos e privilégios ainda eram limitados à luz da lei. Os casamentos civis e a herança de propriedades continuavam a ser proibidos em alguns estados e os vampiros não podiam ser proprietários de alguns tipos de negócios. O lóbi humano dos casinos conseguira banir os vampiros da posse directa de casas de jogo, algo que não conseguia compreender, e, apesar de os vampiros poderem ser agentes da polícia e bombeiros, não poderia haver médicos vampiros em qualquer área que incluísse o tratamento de ferimentos. Além disso, os vampiros também não podiam participar em competições desportivas oficiais, o que era mais fácil de compreender. Eram demasiado fortes. Mas havia já muitos atletas que eram descendentes de metamorfos completos ou parciais, porque o desporto era uma área na qual o sucesso lhes surgia com naturalidade. Também entre os militares existiam vários homens e mulheres cujos avós tinham uivado à lua. Havia mesmo alguns metamorfos de sangue puro nas forças armadas, apesar de ser uma ocupação complicada para quem precisava de privacidade durante três noites por mês.

Os suplementos desportivos enchiam-se com fotografias de alguns metamorfos famosos. Um *running back* dos New England Patriots, um *fielder* dos Cardinals, um maratonista... todos tinham con-

fessado que se transformavam nalgum tipo de animal. Um campeão olímpico de natação acabara de descobrir que o seu pai se transformava em foca e a líder do ranking de tenistas femininas na Grã-Bretanha admitira perante a comunicação social que a sua mãe se transformava em leopardo. Não havia um tumulto assim no mundo do desporto desde o último escândalo relacionado com drogas. A herança genética desses atletas dar-lhes-ia uma vantagem desleal sobre os seus adversários? Os troféus ganhos deveriam ser-lhes retirados? Os seus recordes seriam válidos? Em qualquer outro dia, talvez me agradasse debater o assunto com alguém, mas, naquele momento, não conseguia importar-me.

Comecei a perceber o que verdadeiramente se passava. A revelação dos metamorfos era muito diferente da revelação dos vampiros. Os vampiros tinham estado completamente desligados da realidade humana, remetidos para o domínio da lenda e do folclore. Tinham vivido separados. Desde que a invenção de sangue sintético pelos japoneses eliminara a sua dependência de sangue humano, passaram a comportar-se como se fossem completamente inofensivos. Mas os metamorfos tinham vivido entre nós desde sempre, integrados na nossa sociedade e mantendo as suas vidas e alianças secretas. Por vezes, até os seus filhos (os que não eram primogénitos e que, por isso, não eram também metamorfos) desconheciam a dupla natureza dos pais, sobretudo se estes não fossem lobisomens.

«Sinto-me traída», dissera uma mulher ao jornal. «O meu avô transforma-se num lince todos os meses. Anda por aí a matar criaturas. A minha esteticista de quinze anos é um coiote. Não fazia ideia! Sinto que fui enganada durante este tempo todo.»

Havia quem achasse tudo fascinante.

«O presidente do conselho directivo é um lobisomem», afirmava um miúdo de Springfield, no Missouri. «Não podia ser mais porreiro.»

E havia também quem achasse a simples existência de metamorfos assustadora.

«Receio dar um tiro por acidente no meu vizinho se o vir na rua», afirmava um lavrador do Kansas. «E se me comer as galinhas?»

Várias igrejas tentavam adequar as suas posturas aos metamorfos. «Não sabemos o que pensar», confessara um responsável do Vaticano. «Estão vivos, estão entre nós, terão de ter almas. Até alguns padres são metamorfos.» Os fundamentalistas mostravam-se igualmente confusos. «A união de pessoas do mesmo sexo preocupava-nos», disse um

pastor baptista. «Deveremos preocupar-nos também com a união de pessoas de espécies diferentes?»

Enquanto mantivera a cabeça enfiada na areia, o mundo fora virado do avesso.

De repente, tornou-se mais fácil perceber porque a minha cunhada pantera teria acabado crucificada junto a um bar que pertencia a um metamorfo.